

Ecoss da Lagoa



...por isso um dia veio uma calhandra
E no meu peito se abrigou do vento
Me fez querência, construiu seu ninho
Trouxe sementes que colheu no tempo
Me deu a voz para cantar em versos
E garras fortes pra empunhar guitarras
E pra que eu possa levar os meus versos
Me deu à alma asas de cigarras...

Noé Cesar



Écos da Lagoa



Mulher da lagoa, bonita
afli-ta ascende a vela, reza, espera...

Em silêncio, sem perder a paciência, demora,
simplicidade da pesca, amor de uma vida-

Veriana Rogrigues Becker





Ecos da Lagoa





Ecos da Lagoa



Elaboração da ficha catalográfica

Gildenir Carolino Santos
(Bibliotecário)

Editoração e acabamento

Editora In House

Editor responsável

Márcio Martelli

Organização

Cleia Dröse
Jefferson Dieckmann

Revisão gramatical

Cleia Dröse / Jefferson Dieckmann
Márcio Martelli

Ilustrações e Fotos

Design by Freepik.com
Arquivos pessoais

Projeto gráfico

Márcio Martelli

Catálogo na Publicação (CIP) elaborada
por Gildenir Carolino Santos – CRB-8º/5447

Ec75 Ecos da Lagoa [recurso eletrônico] / Cleia Dröse, Jefferson Dieckmann (organização). – Jundiá, SP: Ed. In House, 2020. Recurso digital : il.

Publicação digital (e-book) no formato PDF.
ISBN: 978-65-86978-43-8

1. Poesia brasileira. 2. Crônicas brasileiras. 3. Antologias.
4. Literatura brasileira. 1. Título.

20-011EBK

23º CDD – B869.15

1ª edição digital – dezembro 2020
ISBN: 978-65-86978-43-8

Todos os direitos desta publicação estão reservados à Editora In House, que detém os direitos autorais da obra para a Língua Portuguesa.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor ou do autor.

Jundiá, SP, dezembro de 2020.



11 4607-8747 | 99903-7599

editorainhouse@gmail.com

www.livrariainhouse.com



editorainhouse

www.editorainhouse.com.br



**Relação das cadeiras
com seus respectivos ocupantes**

- nº 1..... Jefferson Dieckmann
nº 2..... Cleia Dröse
nº 3..... Vilma Farias Guerra
nº 4..... Helena Heloisa Manjourany Silva
nº 5..... Marcos Costa Filho
nº 6..... Maria Tereza Girão
nº 7..... Dra. Marísia de Jesus Ferreira Vieira
nº 8..... Neusa Marilú Duarte (*in memoriam*)
nº 9..... Agenor de Mello Coelho
nº 10 Edilberto Luiz Hammes
nº 11 Fátima Armesto
nº 12 Susani de Castro Pitano
nº 13 Noé Cezar da Silva
nº 14 Adão Quevedo
nº 15 Arita Martins Corrêa
nº 16 Gargione Ávila
nº 17 Maria Beatriz Costa Mecking
nº 18 Silvana Giovanini
nº 19 Danilo Kuhn
nº 20 Elizabeth Beatriz Saraiva Ceron
nº 21 Joaquim Moncks
nº 22 Maria Luiza Teixeira Colvara
nº 23 Nathana Bubolz
nº 24 Verena Rogowski Becker
nº 25 Victor Hugo Siqueira

Acadêmicos correspondentes

- nº 1..... Maria Cristina Drese
nº 2..... Eliane Hüning Corona
nº 3..... Mabel Coronel Cuenca
nº 4..... Ernesto Galiotto

ACADEMIA INTERNACIONAL DE ARTES E LETRAS SUL-LOURENCIANA (AIL)

A Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana (AIL), fundada em data de 25 de setembro de 2017, com sede e foro na cidade de São Lourenço do Sul, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, é uma Entidade de direito privado, não governamental, constituída por tempo indeterminado, sem fins lucrativos, de caráter Social, Artístico e Cultural, sem cunho político ou partidário e tem por finalidade a valorização da língua e da literatura nacional, bem como o resgate da História e dos costumes do povo de São Lourenço do Sul (fatos e feitos). Compõe-se de 40 membros efetivos e perpétuos e de membros correspondentes nacionais ou estrangeiros, que a princípio irão sendo empossados em pequenos grupos.



As cores da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana (AIL) são Branco, Azul Bandeira e Vermelho. O Símbolo constitui-se de um Brasão composto de um livro aberto no qual aparecem uma pena, um pincel, uma clave de sol e uma canoa, representando a escrita, as artes plásticas, a música. Adornando o Brasão veem-se ramos de trigo e de milho, que juntamente com a canoa, representam atividades econômicas importantes no município. Encimando o Brasão, destaca-se uma Coroa que nos remete ao tempo das origens do Município de São Lourenço do Sul, à época do Império.

A diretoria da AIL está assim constituída:

Presidente: Jefferson Dieckmann (São Lourenço do Sul)

Vice-Presidente: Noé Cezar da Silva (São Lourenço do Sul/Pelotas)

1ª Secretária: Susani de Castro Pitano (São Lourenço do Sul)

2ª Secretária: Maria Luiza Teixeira Colvara (São Lourenço do Sul)

1ª Tesoureira: Helena Heloisa Manjourany Silva (Pelotas)

2ª Tesoureira: Cleia Dröse (São Lourenço do Sul)

Conselho Fiscal: Marcos Costa Filho – Presidente (Rio Grande)
Adão Quevedo – Vice-Presidente (São Lourenço do Sul)
Victor Hugo Pincarina Siqueira – Secretário (Pelotas)
Maria Tereza Girão – Conselheira Suplente (Pelotas)

APRESENTAÇÃO

2020 está chegando ao fim. “Finalmente”, a grande maioria dirá! Este foi um ano totalmente atípico para a humanidade. A pandemia que assola o planeta desde março nos coloca, a todos, em um papel de igualdade. Independente de posições sociais, cargos, salários, méritos ou fracassos, estamos todos no mesmo patamar, à mercê do vírus. Em um período tão diferente e tão desafiador, onde os encontros presenciais foram bruscamente abolidos e substituídos pelas telas do computador ou do celular, nós encontramos uma forma de estarmos juntos para terminarmos com união e harmonia esses 365 dias tão imprevisíveis. Estamos reunidos nessas páginas que se seguirão. Há um tempo atrás, a nossa congreira Vilma Guerra teve a ideia de produzirmos esse e-book, começando a reunir o material para iniciarmos. Pronto. O pontapé inicial fora dado. Hoje, após muita vontade, dedicação e esforço, estamos entregando essa bela obra ao grande público. Em cada página aberta, encontraremos estampada uma parte do talento dos nossos confrades e congreiras. Este é um imenso motivo de alegria e júbilo. Que possamos apurar os nossos melhores sentimentos e aguçar nossos sentidos para ouvirmos os **Ecos da Lagoa!**

Jefferson Dieckmann

Presidente da AIL



SUMÁRIO

Cadeira nº 1 Jefferson Dieckmann	9	Cadeira nº 15 Arita Martins Corrêa	55
Cadeira nº 2 Cleia Dröse	12	Cadeira nº 16 Gargione Ávila	58
Cadeira nº 3 Vilma Farias Guerra	15	Cadeira nº 17 Maria Beatriz Costa Mecking	61
Cadeira nº 4 Helena Heloisa Manjourany Silva	18	Cadeira nº 18 Silvana Giovanini	64
Cadeira nº 5 Marcos Costa Filho	21	Cadeira nº 19 Danilo Kuhn	67
Cadeira nº 6 Maria Tereza Girão	24	Cadeira nº 20 Elizabeth Beatriz Saraiva Ceron	70
Cadeira nº 7 Dra. Marísia de Jesus Ferreira Vieira	27	Cadeira nº 21 Joaquim Moncks	73
Cadeira nº 8 Neusa Marilú Duarte (in memoriam)	30	Cadeira nº 22 Maria Luiza Teixeira Colvara	80
Cadeira nº 9 Agenor de Mello Coelho	33	Cadeira nº 23 Nathana Bubolz	83
Cadeira nº 10 Edilberto Luiz Hammes	36	Cadeira nº 24 Verena Rogowski Becker	86
Cadeira nº 11 Fátima Armesto	41	Cadeira nº 25 Victor Hugo Siqueira	89
Cadeira nº 12 Susani de Castro Pitano	44	ACADÊMICOS CORRESPONDENTES	
Cadeira nº 13 Noé Cezar da Silva	47	Cadeira nº 1 Maria Cristina Drese	93
Cadeira nº 14 Adão Quevedo	52	Cadeira nº 2 Eliane Hüning Corona	96
		Cadeira nº 3 Mabel Coronel Cuenca	98
		Cadeira nº 4 Ernesto Galiotto	102

Cadeira nº 1 – Jefferson Dieckmann



Escritor, poeta, advogado e técnico em Eletrônica, especializado em Telecomunicações. Gaúcho de São Lourenço do Sul, às margens da imensa e bela Lagoa dos Patos. Autor de cinco livros próprios, tem participação em oitenta antologias poéticas em vários estados do Brasil. Exerce a presidência da AIL - Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana. Também é membro efetivo do Centro de Escritores Lourencianos, da Academia ALPAS 21 de Cruz Alta – RS, dos Escritibas na Rua, de Curitiba – PR e do centenário Centro de Letras do Paraná. Foi Coordenador pelo Brasil de dois Encontros de Escritores do MERCOSUL, realizados em Puerto Iguazu - Argentina e em Hernandarias – Paraguai. Seus livros estão catalogados e fazem parte das bibliotecas da Casa Fernando Pessoa e da Fundação José Saramago, ambas em Lisboa – Portugal. Participa constantemente de saraus poéticos, lançamentos de livros, rodas de leitura e outras atividades culturais, destacando-se o “Sarau Popular”, da FCC – Fundação Cultural de Curitiba. Foi o patrono da Feira do Livro de São Lourenço do Sul – RS em novembro de 2019.

*Chimarrão na
curva do Arroio
São Lourenço,
São Lourenço
do Sul, RS*



ENDÊMICO...

Em meio à insistente nuvem viral,
sentimentos se misturam
Medos sobrepujam virtudes
Amores são trocados por receios
Chuva e lágrimas são sinônimos;
confundem-se no respingar
O vento, cortante, insiste no navalhar
a carne já maltratada pelos tremores
Ao sentirmos as dores, o que pensar?
Ao tentar encontrar rumos, onde buscar?
Dias passam, noites voam, névoas baixam
Pare, ouça, observe, relembre
Já são seis horas; a vida tende a recomeçar...

AGUADA...

Lá fora, a poeira dança em caracóis.
No varal, inflados como velas, surrados lençóis.
O tato do vento na cortina da janela,
informa a esperada visita da chuva.
O longo caminho me trouxe até aqui.
Empoeirada, minha alma aguarda
pela límpida e calma água benfazeja.
Ao longe, distantes trovões a gritar
coisas que ainda não distingo.
Reluzentes clarões rasgam o céu,
iluminando o meu respirar.
Com o peito apertado a arquejar esperanças,
só peço ao aguaceiro que nos lave as dores;
curando feridas, aguçando verdes odores.
Molhando a estrada, que apague as pegadas
para eu não saber mais voltar...

CALEIDOSCÓPIO...

Acordei em um outro mundo
Incomodamente pandêmico
Onde nada lembra o dia de ontem
Pessoas com sorrisos ocultos tentando viver
Pessoas mais vulneráveis
Em pânico, procurando sobreviver
Leitos repletos de enfermidade
Ruas desertas, planeta parado
Mentes repentinamente atordoadas
Repletas de súbitas descrenças
Olhei para dentro
Tentando encontrar a bússola
Procurar o rumo
Velas rasgadas, astrolábio louco
Em nada auxiliam
Janela fechada, vidro opaco
Mente em círculos
Mídias inquietantemente repletas
Livros fechados, livros taxados
Literatos virtualmente observados
Pretendo abrir a porta
Ouvir o silêncio
Sair, não sei
Ruas frias cortam peles já castigadas
Sentado no chão, já nada penso
Prefiro adormecer...

*Pôr do Sol no bairro da Lomba
São Lourenço do Sul, RS*

Cadeira nº 2 – Cleia Dröse



Natural de São Lourenço do Sul/RS. Possui publicações para o público infantil, além de contos e poesias em português e em espanhol. Recentemente trouxe à luz o primeiro romance: **O quarto pilar**. Sócia fundadora do CEL – Centro de Escritores Lourencianos (São Lourenço do Sul/RS), Acadêmica Fundadora Efetiva da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana – São Lourenço do Sul/RS, Acadêmica Efetiva da ALPAS, da ALERS, Acadêmica Correspondente da Academia de Letras e Artes de Poetas Trovadores, APT-CTC, da Academia Rio-Grandina de Letras e da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves e da SADE (Argentina).

SATURNIANDO

Este senhor dos anéis
gira desenfreado,
por tantas luas rodeado.
Do gigante Cronos
a essência
por certo há herdado.

Em seus mistérios encerra
detalhes de um passado
e falsas promessas
de futuro inalcançável.

Em teu universo sou Lua.
Não Encélado, Titã,
Mimas, Reia
ou outra devidamente nominada.

Sou apenas lua sem nome,
sem importância,
gravitando,
presa em tua órbita.

Saturniando estou,
neste teu tempo imenso,
de anéis, poeira e astros.
Pó de um Universo paralelo sou.
Apenas pó, sem vida, sem amor.

*Praia da Barrinha,
Lagoa dos Patos,
São Lourenço do Sul, RS*

DERRADEIRA PALAVRA

A menina ouviu sobre Pandora
e ficou ensimesmando.

(Meninas têm dessas coisas
de ficar imaginando).

Construiu sua caixa
para guardar pueris magias
que a vida lhe ofertasse
na busca de alegrias.

Caprichava na caligrafia,
com canetas coloridas,
e uma a uma colocava
por uma fresta comprida.

O tempo passou e a caixa
num canto do sótão, esquecida,
nos elos do coração,
doce infância adormecida.

*Praia da Barrinha,
Lagoa dos Patos,
São Lourenço do Sul, RS*

Ecos da Lagoa

A menina cresceu, tomou rumo,
perdeu sonhos pelos caminhos,
se fez mulher, achou o prumo,
cultivou afeto e carinho.

Quando à casa da infância torna,
aquela caixa decorada,
no sótão, a um canto largada,
doces lembranças lhe traz.

Toma o tesouro nas mãos,
pobre caixa empoeirada,
e a abre com cuidado
para não despertar o passado.

Foi tirando devagar
as palavras coloridas,
com sua letra infantil,
retalhos de sonho e vida.

Por fim, a última palavra,
ela leu com atenção
e, voltando a ser menina,
buscou na imaginação.

E se lembrou dos que amava,
dos caminhos percorridos,
das linhas invisíveis que a prendiam
ao lugar onde havia nascido.

Seu olhar reviu as palavras
sobre a cama, espalhadas,
uma colcha de retalhos/sentimentos
há muito tempo guardada.

E, voltando à derradeira palavra
sentiu o perfume da flor,
soube que ela era a suprema magia,
pois nada somos sem amor!

*Vista aérea da cidade de
São Lourenço do Sul, RS*

Cadeira nº 3 – Vilma Farias Guerra



Natural de Pelotas/RS, formada em Geografia pela UFPel, licenciada em História e pós-graduada em História do Rio Grande do Sul pela UCPel. Membro correspondente da Academia Rio-Grandina de Letras – ARL; acadêmica efetiva da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências “A Palavra do Século XXI” – ALPAS 21; membro do Centro Literário Pelotense. Possui 14 livros publicados, são livros de poesia, poesia ilustrada, pesquisa, romance, crônicas e contos; alguns deles bilíngues português – espanhol; além de textos em antologias. Conduzira a Tocha Olímpica Rio 2016 no dia 07 de julho de 2016 na cidade de São Lourenço do Sul/RS. Recebeu recentemente o “Reconocimiento Euroamericano – destaque en Artes Emergente Siglo XXI” pelos livros **Mucker Fanáticos ou Vítimas** (pesquisa), **Castelhanos Mistérios e Segredos** (contos), **Tropeços** (poesia) – Valência – Espanha 2017.

ENCONTRO

Um pé outro,
O passo acontece
Caminho, caminhante
Direção, determinada
Buscando você e eu
Nós olhamos amanheceres notícias
Tudo passou?

Ainda não
Mas a esperança
Floresce cuidado,
O Encontro está próximo
Tudo vai passar
O mundo modificado
Teremos abraços
Armazenados carinhosamente.
Agora falta menos
Eu espero ardentemente
TE ENCONTRAR E
ISTO SERÁ PURAMENTE
FELICIDADE

*Catedral Metropolitana
São Francisco de Paula
Pelotas, RS*

ANJOS

Uma grande nuvem
Esbranquiçada invisível
Se formou por todo o céu
Sem saber o que era
Muitos não viram nem questionaram
Muitos sonharam
Outros tantos perguntaram
Sabem o que é esta nuvem?
Os que estavam preparados
Logo viram
Que era a sagrada casa dos anjos
Cheia de bênçãos e graças
As 18 horas então
Foram descendo, sorrindo
E cada um foi adentrando
Nas casas necessitadas

Que ficaram cheias de bênçãos
Alegria, paz, esperança
As feridas foram curadas
E o perdão se materializou!
E os anjos foram bendizendo
Pessoas, animais, plantas
E sentado na tua sala
Olha lá o teu anjo
Esperando o teu pedido
Ou prece e agradecimento
Pois ele veio do céu
Com todo o poder de Deus
Para te dar fé, força, entendimento.
Fecha os olhos agora
Abre as mãos para o alto
Agradece e reza um Pai Nosso
Porque Deus está aqui!

*Arco-íris no Laranjal
Pelotas, RS*

NAS ASAS DA LIBERDADE

Na escuridão da vida,
tenho uma grande oportunidade.
Deixo o corpo aqui na Terra
e viajo no infinito.
Marte, Vênus, Saturno
e nas estrelas também!
Dizem que sonho,
quando entro na varanda,
todos tomando mate
afirmando: – Está dormindo no quartinho!
O corpo está quietinho
e a alma de mansinho
volta feliz à sua prisão.
Se contar... é risada na certa,
Mas quem “viaja”,
silencia esperando

a próxima noite
e sem mala,
sem avião,
lá vai ela buscar
liberdade, emoção.
O fim, o início,
o meu possível
e a constatação
da loucura para muitos.
O céu... Que céu?
Isto não importa,
está limpo,
é hora de dormir.
É a feliz hora de “viajar”.
Silêncio, silêncio!
É hora de descansar...

*Nascer do Sol Laranja!
Pelotas, RS*

Cadeira nº 4 – Helena Heloisa Manjourany Silva



Helena Heloisa Manjourany Silva — Pelotas — RS, historiadora, artista plástica. Professora inativa de História e Artes Visuais. Participou das seguintes coletâneas: **V Coletânea Século XXI. Vozes de Aço XVI** - Antologia Poética de Diversos Autores. **I Coletânea Viagem pela Escrita**. Volta Redonda RJ. **Coletâneas do Centro Literário Pelotense**: 2012, 2013, 2014 e 2015. Vice-presidente do Centro Literário Pelotense. Acadêmica da Academia Internacional de Artes Ciências e Letras de Cruz Alta. (ALPAS). Acadêmica da Academia Internacional de Artes e Letras Sul Lourenciana de São Lourenço do Sul. Acadêmica honorária da Academia Pelotense de Letras.

*Praça Piratinino de Almeida
Pelotas, RS*

A MEMÓRIA É O NOSSO PATRIMÔNIO PARTICULAR

É muito triste qualquer viagem ao passado, peça dramática que o tempo, esse implacável vilão de nossos sonhos nos prega. Nossa alma chora ao reencontrar o mesmo lugar da juventude, irreconhecível.

Visitei a Granja Santa Terezinha, na região do Retiro, onde conheci a alegria de brincar livremente por entre árvores de uma beleza ímpar. Procurei-as avidamente.

O latido de um cão! “Será o meu Rex?” Triste ilusão! Deparo-me com um guarda uniformizado, segurando um pastor-alemão. Era o segurança de um lugar qualquer.

A prima Gecy, famosa por ser possuidora de boa memória, garante que o local passou a chamar-se Rancho Pioneiro.

Minha busca era pelo açude, onde nas tardes quentes de verão nadava, brincava e pescava com as primas, sob a vigilância dos nossos pais. A relva macia, alimento precioso dos animais, tapete perfeito para nossas cambalhotas. A casa branca de janelas vermelhas e, na frente, um lindo jardim. A acácia com flores amarelas contrastava com as extremosas de cor rosa. Um doce perfume inebriou minha alma e concretizou no íntimo do meu ser a felicidade da minha infância.



A imagem é perfeita: churrasco de ano-novo, uma tradição passada do avô materno para o tio mais velho, tio João. O mato tratado especialmente para a festa era lindo! No imaginário de criança, um bosque encantado, habitado por fadas, bruxas e duendes. Neste momento, estremeço ao lembrar o medo que eu tinha. Diziam ser assombrado! Em noite de Lua cheia, ouvia-se um vaqueiro tocando sua boiada. O tropel dos bois e o assobio do homem ressoavam por toda a região. Quem garantia já ter avistado esse fantasma era um antigo boiadeiro que vivia em seu entorno. Mistérios à parte, a festa guarda seus aromas até hoje. Nenhum membro da família Fernandes, seus agregados e amigos deixavam de comparecer. O churrasco, caldo verde, e principalmente a ambrosia, faziam a alegria de todos. As crianças subiam nas árvores, corriam brincando de esconde-esconde.

Vazio total. O asfalto frio, sem vida, indiferente à minha angústia, cortava minhas doces memórias, imponente, rumo ao infinito. Tentei lembrar: nossas risadas, a voz da minha mãe chamando para o lanche... Inútil. Apenas o ruído de motores passando em alta velocidade, ansiosos para chegar a um lugar qualquer, sabe-se lá aonde.

Não sei se faz bem ou mal o progresso quando não encontramos nossas referências: os amigos que partiram, as feridas da alma, as dores da matéria que marcam a face e o corpo com a infame degeneração.

Escrevo para preservar. Medo talvez de esquecer. Não somos nada perante a inexecutável tarefa de vencer o tempo.

“A história pertence a todos” — sábias palavras da mestra Griô Sirley Amaro. Graças às suas memoráveis lembranças e conhecimento, segue com simplicidade e alegria transmitindo para crianças e adultos sua própria história e a da nossa cidade. A mestra é a prova de que a memória é o nosso patrimônio particular. Perda inestimável neste triste ano de 2020. Que sua memória possa ser preservada em praça pública.





Cadeira nº 5 – Marcos Costa Filho

Filho de Marcos Costa e Maria José da Glória Costa é natural da cidade do Rio Grande/RS, Professor/Biólogo, formado e aposentado da Universidade Federal do Rio Grande – Furg, nela novamente veio a formar-se em Letras Português/Inglês. Em seus onze livros publicados passeia pelos gêneros romance, crônica e poesia. Entre os vários eventos literários que criou estão: “Sua Poesia Vai à Feira” (Na Feira do Livro da Furg); “Poesia ao Entardecer” e “Mostra Rio-Grandina de Textos Natalinos”(na Livraria Acadêmica); “Concurso Literário Internacional Castro Alves” (na Academia Rio-Grandina de Letras); “Projeto Jovem Escritor” (junto à Secretaria de Município da Educação). Titular da cadeira no 31 na Academia Rio-Grandina de Letras. Acadêmico Fundador da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana e titular da cadeira nº 5. Tem premiação em vários concursos literários e participação em Antologias pelo Brasil afora.

*Largo Barbosa Coelho
Rio Grande, RS*

AMANTES

Olhares, sorrisos, sonhos, palpitações,
sacodem os seres quando surpreendidos
ao acontecer recíproco em seus corações
um forte clarão a estremecer os sentidos!

Forte a sacudir o viver em todas as direções
e novos sentires de encantos são refletidos
no brilho da aurora, com certeza, de paixões,
e irrompem com seus impulsos não contidos!

E fica o vivente à mercê dos encantamentos
um pouco à deriva, no mar sem horizontes,
pois são intensas as ondas dos sentimentos
e cruza sem pestanejar as espumas flutuantes
jamais pensando que possa haver sofrimentos.
Somente importa o ser feliz, para os amantes!

O VISITANTE INESQUECÍVEL

Era uma linda manhã de Primavera. O Sol com toda sua presença fazia a vida, em todas as suas vertentes, explodir sua exuberância em cores e odores pelas plantas e suas flores. As pessoas, ao sentirem os aromas da natureza, apresentavam-se mais alegres, pois mesmo sem que se pudesse notar, estava a ocorrer uma aceleração de hormônios nos seres vivos, o que em nós, humanos, não fugíamos a regra. Bem, isto se mostrava notório na turma de trinta adolescentes que eu mantinha numa sala de aula, na Escola Helena Small, onde eu estava a lecionar Matemática, numa oitava série do Ensino Fundamental. Meninos e meninas com os rostinhos avermelhados, olhinhos brilhantes e totalmente serelepes. Precisava paciência e dedicação de minha parte para mantê-los atentos ao conteúdo disciplinar que estava a desenvolver. Estar de costas para a turma o fazia com a maior rapidez enquanto era preciso escrever no quadro, precisava manter o tom de voz adequado para o domínio da classe, sem irritá-los, a fim de não tornar a aula um aborrecimento. Era o um pouco difícil de como a situação se repetia várias vezes, porém, eu me sentia feliz em estar lidando com aquelas “peçonhas” (termo que usava para tratá-los carinhosamente) pois eram pessoas em formação.

A porta da sala de aula estava aberta e em determinado momento vi os olhares dos alunos a ela se dirigirem surpresos. Parei minha explanação do conteúdo e acompanhei os olhares deles. Dei-me com a figura do Bispo Dom Frederico Didonet, que com um



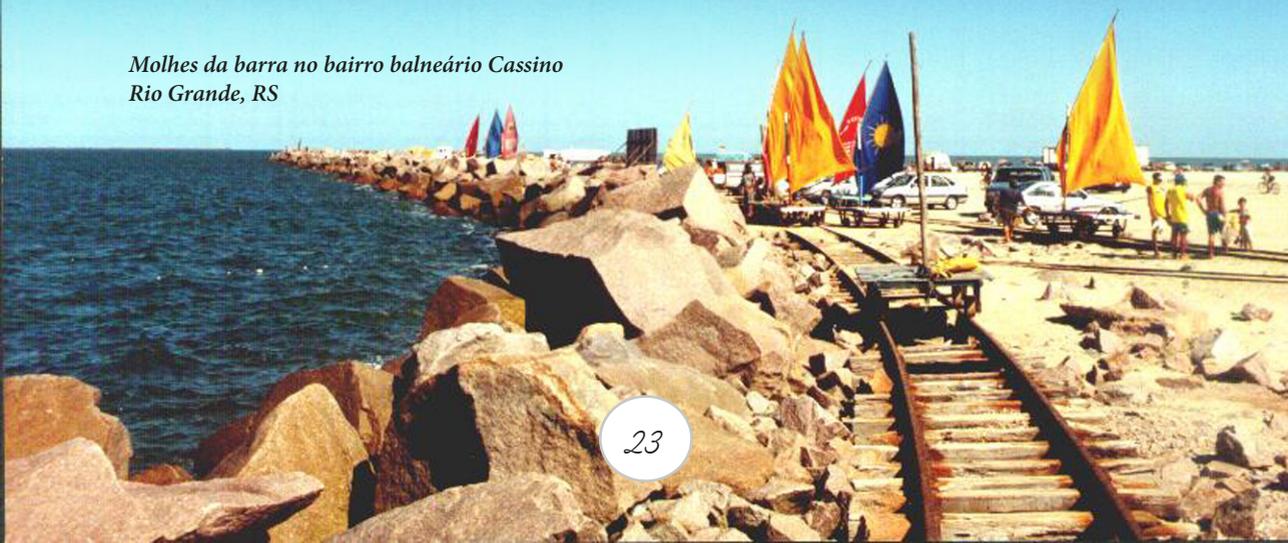
*Alfândega - Rio Grande, RS
(em arquitetura neoclássica)*

sorriso alegre levou a mão ao chapéu, retirou-o, pediu licença e entrou. Larguei o giz e fui ao seu cumprimento. A turma se levantou e de pé, educadamente, em coro responderam o – bom dia – com que o Bispo os havia saudado. Recebi sua bênção e salientou o trabalho nobre que é o do Professor e me desejou êxito na profissão. Voltou-se aos alunos e dirigiu a eles palavras de incentivo a estudarem e se aplicarem para a construção de seus futuros e o porvir da Pátria. Evocou de Deus uma bênção a todos nós, despediu-se e acompanhei-o até à porta.

Não tenho como explicar, mas o ambiente que ficou na sala de aula foi encantador. Uma luminosidade pairava e os alunos antes irrequietos agora estavam numa calma que eu nunca tinha visto. Colocavam tanta atenção em minhas palavras que me parecia estar a usar um domínio de classe que estava acima de minha capacidade. Me seguiam a cada movimento e o que eu escrevia no quadro era logo transcrito em seus cadernos. Ao findar a aula, pela primeira vez me deparei com uma unanimidade em uma turma compreender o que eu havia explicado. Até a saída deles para o recreio foi uma tranquilidade bem o oposto do costumeiro, pois explodiam porta a fora em direção ao pátio.

Recolhi, a movimentos lentos, meu caderno de chamada, minha caixinha de giz com apagador, na leveza daquele ambiente. Quando ao sair, estava a meditar no ocorrido e registrei na minha lembrança, para todo sempre, O INESQUECÍVEL VISITANTE!

*Molhes da barra no bairro balneário Cassino
Rio Grande, RS*



Cadeira nº 6 – Maria Tereza Girão



Maria Tereza Alves Girão reside em Pelotas / RS, filha de Abílio Inácio Alves e de Maria Demari Alves. Professora graduada pela UFPel, pós-graduada pela UCPel. Concurso Literário Internacional “Prêmio Buriti “ São Paulo / SP, terceiro lugar com a poesia **Caminhos**, 2015. Concurso Literário Internacional Prêmio Buriti 2016, São Paulo, SP, primeiro lugar nacional com a poesia **Luz Vermelha**. Acadêmica Correspondente da Academia Internacional de Artes Letras e Ciências, ALPAS 21. Cadeira 121, patrono Dr. Thomáz Lucia. Acadêmica da Academia de Letras do Brasil / RS; cadeira 56, patrono Francisco Lobo da Costa. Acadêmica Fundadora Efetiva da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana e membro de Centro Literário Pelotense.

PASSA-PASSARÁ

Inocente cantar
Brincadeira
...da infância
Alegremente entoada
Em risos e a fila
Como entender
...a filosofia
Do inocente cantar?
E passam minutos
...a soma em horas

E já se vão outroras
...em fileiras
Os dias em anos
Que engano...
...e tudo vai passando
Esperanças, sonhos
Pesadelos!
Até a cor dos cabelos
E tudo passa...
Tudo passará

Sem piedade
...para dar lugar
E se nada restar
Que sejam lembranças
...do tempo
Que passou...
Passará!

*Praça Coronel Pedro Osório
Pelotas, RS*

ENTÃO

Então...
Abruptamente
...paramos!
Para os lados
...olhamos,
E assim
Sem respiração
...mascarados
Em gaiolas,
Pendurados na
...esperança
Interrogação e medo
O amanhã incerto!
O espírito de criança
Vamos brincar...
Que somos cantores,
A escultura de um mundo
...novo!
Vamos enfrentar
Em profunda ousadia,
Desbotando
...a nostalgia.
Em dribles, disfarces...
Nos tornamos doutores...
Mestre-cuca,
Até pintores...
A arte, os lápis
...de cores
À espera do outro dia...
O amanhã!

*Torre do Mercado Público
Pelotas, RS*

REFLEXÃO

Esta vida, pandemia
Fez do mundo, arritmia
...saindo fora dos trilhos

Sem escolher lugar
Invadindo, sem medida
Um susto, sem acreditar
...encontrar um porto, guarida!

Mudar parâmetros
Escalas, valorando
Em oração, buscando
Fez a ciência repensar...

De que valem tantos luxos
Se bastam apenas segundos
Para se perguntar...
Olhar para trás
...e nada constar.

No enfrentamento
Das vidas que chegam,
Teria sido em vão
O senhor nos ensinar?

Pregando...
Percorreu montanhas e vales
Queria evitar todos os males
Uma vida feliz nos legar!

Humanos... desenfreados
Na vontade de encontrar
...um mundo todo seu
Desigual...

Não foi essa a mensagem
Amar a todos...
Somos Iguais
Não poderia ceder
Aos pecados capitais...

Qual rebanho desenfreado
Não quiseram mudar de lado
Desta vida... o calvário
Das aulas de geografia
Das humanidades, não podia
Outro caminho buscar.

Agora, só resta esperar
Amor, respeito
Solidariedade...
Que as criaturas reflitam
O que estamos fazendo
Para o mundo avançar...

*Praia do Laranjal em
Pelotas, RS*



Cadeira nº 7 – Dra. Marisia de Jesus Ferreira Vieira

Dr^a MARÍSIA J. F. VIEIRA, IWA — de Pelotas/RS — Brasil. Médica, Bacharel e Licenciada em História Natural (Biologia), professora universitária, artista plástica, poetisa, escritora. Vários prêmios em pintura, desenho e literatura. Sócia fundadora do Centro Literário Pelotense (CLIFE). Integra o movimento “Poetas Del Mundo” e a International Writers and Artists Association, IWA (USA). Membro da Academia Sul Brasileira de Letras, da Academia Internacional de Letras Artes e Ciências (ALPAS 21) de Cruz Alta e da Academia Internacional de Artes e Letras Sul - Lourenciana. Atual Presidente do Centro Literário Pelotense. Mais de dez livros publicados. Delegada em Pelotas da União Brasileira de Trovadores.

Obra da autora

ESTAR EM PAZ

Fui incumbida de aqui tudo escrever
É uma árdua tarefa que me dá
Não sei o que a inspiração possa prever
Só sei confessar que estou em paz.

E se a paz povoa o pensamento
Enquanto a chuva cai lá fora
Vou desafiando íntimo sentimento
Na esperança de poetar agora.

Se eu pudesse escrever um dia
Somente sobre paz, amor e alegria
Por certo eu morreria feliz.

Mas o anjo da lira e da poesia
Afasta-se de mim talvez por ironia
Impedindo de eu fazer o que bem quis.

TEMPO DO AMOR

Murmura o vento a solidão em pranto
Enquanto os astros sorridentes vão.
A noite chora, desfazendo o encanto,
Lágrimas tristes de grande paixão.

Céleres as nuvens arredadas são.
E aquele amor tão desejado, tanto,
Dás-me apenas amor de um irmão.
E minhas mãos, em prece, ao céu levanto.

E o luar se desfaz em mar de rosas
Ficam para trás as coisas dolorosas
De alegria me invade esta ilusão.

Quero saudar amor que aqui chegou
Minh'alma inteira em alegria mergulhou
Trouxeste-me luz e calma ao coração.

Obra da autora

LEMBRANÇAS

Quanto te amei naqueles verdes anos!
Ser de verdade o teu amor então pensei,
Quanta alegria juntos desfrutamos,
Quanta tristeza juntos... eu não sei.

No despertar do dia, que beleza!
Tudo é belo, é radioso, é risonho...
À noite, no entanto, com certeza
Transforma realidade em puro sonho.

E as tardes mornas que tenho na vida
Vão passando e eu desiludida
Fico sozinha olhando o entardecer

Na plena escuridão, essa da noite
Vêm as lembranças, látego em açoite,
Punhal em brasa no meu peito a arder.

Obra da autora

Cadeira nº 8 – Neusa Marilú Duarte (*in memoriam*)



Natural de Jaguarão (1947-2019). Foi licenciada em Estudos Sociais, Letras, Direito e Psicologia. Publicou 12 livros de Peças de Teatro Infantil, Poemas, Pensamentos e coleções de cartões postais de Jaguarão, Montevidéu, Brasília e Pelotas. Integrou os quadros da Academia Sul-Brasileira de Letras; Academia Internacional de Letras de Cruz Alta; Academia Internacional de Ciências, Letras, Artes e Filosofia do Rio de Janeiro; Academia Petropolitana de Letras; Academia de Letras e Ciências de São Lourenço – Minas Gerais; Projeto Cultural Sul, de Bento Gonçalves; Instituto Histórico e Geográfico; Instituto Francisco Lobo da Costa, Departamento Cultural do Clube Caixeiral de Pelotas e Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, de São Lourenço do Sul/RS.

*Vista da Ponte internacional
Barão de Mauá
Jaguarão-Rio Branco, RS*

DEVANEIO

Hoje, quero escrever versos brancos,
versos brancos, pálidos, como a saudade que
se debruça indolente em cada amanhecer.

Versos brancos,
soltos no vazio do nada, do nada vazio
que eu quero preencher.

Versos de loucas lembranças,
que embalaram cantigas de ninar,
versos que a minha imaginação
não consegue e não quer apagar.

Hoje, quero escrever versos brancos,
versos brancos, desvairados,
febris, versos teus, versos meus,
versos que falam de mim,
de nós e de Deus.



*Fronteira Brasil-Uruguaí Ponte
Internacional Barão de Mauá
(Jaguarão-Rio Branco, RS)*

Hoje eu me atrevo,
quero escrever versos brancos,
vestidos de luar,
prateados como as estrelas,
brilhantes como o Sol
livre como os pássaros,
inconsequentes,
e tão indiferentes
aos versos brancos que escrevo.
Hoje, quero escrever versos brancos
pálidos como o medo
gélidos como a ironia,
sem som, sem eco,
sem tom, sem rima ou sinfonia,
versos brancos como a neve,
sem rosto ou memória,
versos brancos, breves,
sem amor e sem história.

QUERO SER LEMBRADA

Igreja Matriz de Jaguarão, RS

Quero ser lembrada
Por ter sido bondosa, e não porque
Reparti o que eu não queria.

Quero ser lembrada por ter sido solidária
E não porque doei ao mendigo,
Um pão que não me servia.

Quero ser lembrada por ter sido paciente
E não porque pedi a Deus
Que me aliviasse o peso da cruz.

Quero ser lembrada porque fui luz
E não porque apaguei outras luzes,
Para que apenas a minha brilhasse.

Quero ser lembrada,
Porque sequei a lágrima de alguém que
Sofria, e não porque chorei
Para conseguir o que queria.

Quero ser lembrada porque
Estendi-lhe a mão
E não porque fiquei indiferente à sua
Dor e aflição.

Quero ser lembrada por ter sido perdão
E não porque guardei mágoas
E desejo de vingança.

Quero ser lembrada
Pelas crianças
De todas as idades,
Ser parte de suas lembranças
E da sua saudade.

Quero ser lembrada,
Pelos humildes e apenados,
Pelo deficiente, excepcional e
Menor abandonado
Quero ser presença e não passado.

Afinal, eu aqui estive,
Sofri
E fui muito amada,
Amei sem restrições ou limites,
Para ser eternamente lembrada.

Cadeira nº 9 – Agenor de Mello Coelho



Natural de Jaguarão-RS, nascido em 12.06.44, militar da reserva do Exército (tenente) e professor, formado pela URCamp (Bagé), em Ciências Físicas e Biológicas, Licenciatura Plena e pós-graduação em Produção Vegetal. Poeta e ativista cultural. Tem 4 livros publicados; possui mais de uma centena de trabalhos premiados e publicados no Brasil e exterior. Autor da letra do hino dos Cavaleiros da Costa Doce, da Associação dos Artesãos Lourencianos e do Centro de Escritores Lourencianos. Patrono da 24ª Feira do Livro de São Lourenço do Sul; Patrono da Biblioteca da APAE de São Lourenço do Sul; Patrono do Clube Pan-Americano da EEEM Cruzeiro do Sul; Patrono do 4º Liter Arte-17 da Escola Nossa Senhora do Mar. Sócio fundador do Centro de Escritores Lourencianos e da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana. Acadêmico Correspondente da Academia Rio-Grandina de Letras.

*Praia das Nereidas
Lagoa dos Patos
São Lourenço do Sul, RS*



ESPERA

Noite silente de sonhos e ausências,
enigma oculto da dor e soledade,
no amor que partiu buscando vivências,
no amor que ficou amargando saudade.

Nas asas do vento cortando lonjuras,
na incerteza do caminho a percorrer,
em trilhas pedregosas e obscuras,
na incógnita de um novo amanhecer.

O amor que ficou volta ao passado,
remoendo ânsias num mate jujado,
no banco vazio, na cama estendida.

Branqueia, na espreita de um celular,
na esperança que ele possa ligar
e voltar pros braços da mãe querida.



NATAL PAMPEANO

Na solidão do meu rancho barreado,
tive um sonho um tanto diferente,
vi um velho de barbas brancas, pilchado,
distribuindo às crianças pobres, presentes.

Em vez do trenó dos gringos, carreta,
com quatro bois de canga atrelados,
o arisco Igualdade, o Cara Preta
e a dupla Cara Branca e Mascarado.

Ricos, pobres, remediados, presentes,
numa festança, trocando presentes,
em paz, saudando o Jesus Menino,

sem rena e sem o vermelho também,
trazidos não sei por quê?...nem por quem?...
no santo espírito natalino.



*Árvore de Natal confeccionada
com ferraduras de cavalos.
Acervo do autor*

A FAMÍLIA

A família é a célula mater
que rege toda e qualquer sociedade,
forma a personalidade, o caráter,
no exemplo de amor e fraternidade.

A bagagem genética e o ambiente,
fatores essenciais da educação,
se lapidados adequadamente,
levam a uma boa formação.

A boa educação vem lá do lar,
no aprender ouvir, no saber calar,
com parâmetros entre o sim e o não,

com lições de deveres e direitos.
Não deixe pras escolas este feito,
é em casa que se forma um cidadão.

*Pôr do Sol na desembocadura
do arroio São Lourenço,
São Lourenço do Sul, RS*

Cadeira nº 10 – Edilberto Luiz Hammes



Natural de São Lourenço do Sul, filho de Guido Hammes e de Erna Hilda Schneid Hammes. Casado com Iára Maria Schein Hammes, pai de seis filhos, avô de nove netos. Médico formado pela Universidade Católica de Pelotas, pioneiro na Radiologia em São Lourenço do Sul. Como presidente do Rotary Clube de São Lourenço do Sul idealizou e construiu o Pórtico do Sol na entrada da cidade, um dos símbolos turísticos do município. Promoveu intercâmbio com a cidade alemã de Sponheim que culminou num forte vínculo fraterno a ponto de Sponheim e São Lourenço do Sul se tornarem “cidades-irmãs”. Recebeu diversas distinções culturais. Autor da obra **São Lourenço do Sul - Radiografia de um Município - Das origens ao ano 2000**, e dos livros **Os pioneiros Hammes de São Lourenço**, **A Imigração Alemã para São Lourenço do Sul**, e **Dicionário de Sobrenomes de origem alemã de São Lourenço do Sul e das colônias adjacentes**. E coautor dos livros **2ª Guerra Mundial - Reflexos no Brasil** e **Famílias de origem alemã no Rio Grande do Sul - Volume 1**. Em 2017 foi empossado, como Sócio Fundador, na Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana.

*Pórtico do Sol à luz do dia
(entrada da cidade de
São Lourenço do Sul, RS)*

BEM-VINDO A SÃO LOURENÇO DO SUL

UM SONHO QUE SE TORNOU REAL: NOSSO PÓRTICO DO SOL

Sonhamos, como humanos que somos, desde pequeninos. Toda a humanidade sonha. E eu, como parte dos minúsculos e bilhões de seres que habitam este pequeno grão de areia que flutua no Universo infinito, a Terra, também sonhei, e ainda sonho até hoje, bastante. Sonhos agradáveis, felizmente a quase totalidade deles, e nem tão bons assim, afortunadamente poucos...

E desses bons sonhos, muitas ideias (e ideais) surgiram e foram postos em prática na minha vida que agora, faltando pouco para completar 80 anos, sinto que passou tão depressa.

Por orientação de meus pais – que receberam dos seus, e esses de seus ancestrs, ensinamentos de retidão de caráter e de comportamento – nossa geração (o que agradeço e agradecerei sempre com as mãos para o alto por ter vivido nela) teve um desenrolar vital que nos conduziu, ano após ano, a uma espécie de meta. Nossos pais nos ensinaram (e eu e meu querido e saudoso irmão mais velho cumprimos religiosamente esses ensinamentos) basicamente três coisas:

“Vivam sempre fazendo o bem, jamais prejudicando quem quer que seja, e trabalhem sempre para terem o suficiente para manter suas famílias”;

“Não peguem o que não é de vocês; se encontrarem uma carteira recheada de dinheiro, procurem saber quem é seu dono e a devolvam sem tocar em nada”;

“Sempre que fizerem alguma coisa na vida, façam o mais perfeito possível”.

Certa ocasião, quando eu ainda frequentava o curso primário, minha mãe comprou um simples artesanato de madeira compensada que trazia uma mensagem escrita com pirógrafo que ela dependurou na cabeceira de minha cama: “Hei de vencer”. Esse quadrinho guardo-o até hoje comigo já um pouco desbotado pelo tempo!

Essas frases as carrego há 78 anos, diuturnamente, em minha mente!

Baseado nessas resumidas orientações, cumpro-as (e faço todo o empenho para repassá-las aos nossos seis filhos e, se possível, ver continuadas com nossos netos e seus descendentes) e assim, aos poucos, o tempo de permanência por aqui vai se esvaindo.

Não foram poucas as noites em que, tendo bons sonhos, me acordei e saí da cama para tomar nota – evitando assim um possível esquecimento no outro dia ao acordar – da ideia que o sonho me trazia, para voltar à cama e dormir novamente. Muitas das realizações deste meu tempo de passagem por aqui foram inspiradas assim, coisas pessoais, familiares, profissionais e comunitárias. E é por isso que repito, sempre que, e quando necessário, um pensamento básico que carrego comigo sempre: quem não sonha, não realiza!

Tenho certeza de que essas mesmas práticas, infinitas famílias e individualmente pessoas pensam, fizeram e fazem o mesmo. E como é gratificante observar que os descendentes seguem o mesmo caminho...

Para mim, todos os bons sonhos se tornaram realidade: avós, pais e irmão maravilhosos, infância tranquila e livre de quaisquer preconceitos (tão comuns nos dias atuais), todo o tempo escolar isento de ideias e orientações políticas com professores extraordinários, o tempo em que servi ao Exército Brasileiro que me ajudou a amar o Brasil, meu casamento com uma esposa maravilhosa que me deu seis filhos fantásticos e continua comigo há 53 anos (sendo meu braço direito), minha vida profissional como médico servindo com amor sem colocar interesses financeiros em primeiro lugar a meus pacientes contrerrâneos, minhas realizações à comunidade lourenciana e minha contribuição para que a história de São Lourenço do Sul não se perca na neblina do tempo...

Um dos sonhos inesquecíveis, e talvez o mais marcante por ter se tornado em algo literalmente concreto – completando neste fim de 2020 quarenta anos do início de sua construção – aconteceu quando eu tinha trinta anos de idade (idade de muitos sonhos!) que vou contar agora:

Meus sogros residiam em Porto Alegre e frequentemente os visitávamos.

Em uma noite do ano de 1972, por volta de 22 horas, voltávamos de Porto Alegre com minha esposa Iára e dois filhos pequenos, dirigindo um Volkswagen 1968, meu primeiro automóvel. A escuridão era total. Somente as luzes dos faróis de raros veículos iluminavam a rodovia BR-116 (à época BR-2), já asfaltada, mas pobre em sinalização. Dirigindo com atenção, eu cuidava a estrada de saibro que nos levaria de volta para nossa casa em São Lourenço do Sul. Não havia qualquer luz, qualquer indicação, qualquer sinal de trânsito que indicasse a entrada. Nenhuma placa, nenhuma seta... E, num pequeno momento de distração, me dei conta de que já havia passado dela. Um quilômetro, talvez, rumo a Pelotas. Retornando então, e agora com cuidado redobrado, entrei na estrada estadual, naquela época sem asfalto ainda e empoeirada, em direção à cidade. O clarão da iluminação pública urbana que hoje é visível quando se transita pela rodovia federal, não havia na época; as ruas de São Lourenço eram mais escuras e os postes de iluminação pública, ainda com lâmpadas incandescentes, eram mais baixos do que são hoje.

Pois exatamente naquele momento veio à imaginação do médico (sonhei desta vez acordado!) um futuro pórtico iluminado, como tantos outros que conhecíamos em outras belas cidadezinhas do interior. Um pórtico que fizesse lembrar a existência da escondida cidade que queria ser turística. A partir daquele episódio, sempre que eu viajava com a família pela BR-2 à noite, lembrava-me do pórtico... Em 1974 seria finalmente asfaltada a velha estrada de saibro - que passou a ser conhecida com RS-265 - e construído o trevo de acesso. Em 1975, fui convidado para fazer parte do quadro de associados do

Rotary Clube de São Lourenço do Sul e em 1979 seria indicado pelos companheiros para assumir sua presidência na gestão 1980-1981. Senti então que chegara o momento do grande desafio: o da construção do tão sonhado pórtico! Afinal, eu teria sob minha direção o comando de um Clube de Serviço. Serviço à comunidade onde eu havia nascido. E aceitei...

Durante meses, antes da posse, o “Projeto Pórtico” era todo segredo. O único que sabia, além do presidente, era o futuro secretário, escolhido a dedo, companheiro Amilton Vargas. Numa certa tarde de sábado, sem que ninguém soubesse, fomos os dois à estrada e ao alto do morro que existia à época junto ao trevo de acesso, e fizemos uma montagem fotográfica do que seria, no futuro, o Pórtico do Sol. Previamente eu havia feito em madeira compensada com serrinha tico-tico uma maquete da obra, um arco com umas pontas que media cerca de vinte centímetros de ponta a ponta, ocasião em que o dependurei com imperceptíveis fios de linha em uma armação de madeira. Como também eu era fotógrafo amador (outro hobby herdado de meu sábio pai), mirei o pórtico em miniatura na direção do visor da câmara, enquanto o secretário segurava toda a armação e, assim, fiz várias fotografias. O resultado final ficou uma beleza: a fotomontagem mostrava claramente a visão futurista daquela que seria a maior obra concreta do Rotary Clube em São Lourenço do Sul até hoje.

Em 27 de maio de 1980 o jornal local O Lourenciano revelava a intenção do futuro presidente do Rotary de construir um pórtico, o que, provavelmente, não foi levado a sério pela maioria dos leitores. Em sua posse, a 1º de julho de 1980, o presidente anunciava sua principal meta: “vamos construir um monumental Pórtico do Sol”, distribuindo a todos um boletim extra do Clube que mandara imprimir e que mostrava a fotomontagem! Muitos companheiros, surpresos e cépticos, não acreditaram. Duvidaram. Achavam que seria um projeto caro demais e que seria uma aventura tentar construí-lo.

No entanto, nos dias que se seguiram, alguns sócios do Clube arremangaram-se e jogaram-se à luta com determinação. Estavam “de mãos dadas para servir” com o presidente, os fantásticos companheiros Amilton Machado de Vargas (secretário), Bento Bettin (tesoureiro), Udo Schaun (Avenida de Serviços Internos), Egon Evaldo Hirschmann (Avenida de Serviços Profissionais), Ruid Hübner (Avenida de Serviços à Comunidade), Hermes Pereira da Silva (companheiro protocolo) e Ênero Francisco Cabaldi (boletim do Clube). Com o prestígio desses nomes, não foi difícil. O apoio da Prefeitura Municipal na pessoa de seu titular Ronald Spiering, foi decisivo. A confiança que o comércio, a indústria e a população depositavam nos nomes que compunham o Conselho Diretor e no próprio Rotary Clube, proporcionou a arrecadação de fundos para a construção que, efetivamente, iniciava nos últimos dias de outubro de 1980.

Todos os dias, no afã de ver a obra andando, eu – presidente do Rotary Clube – deixava meu consultório médico por instantes e procurava, pelo menos com a vontade, apressar o término da grande

obra. Por mais que quisesse, por mais que tentasse acelerar o trabalho dos pedreiros, por mais que insistisse junto ao engenheiro, dono da empreiteira, para que ela fosse concluída dentro da mesma gestão, isso não aconteceu. Mesmo que o Clube mantivesse as contas rigorosamente em dia. Mesmo que o Clube tivesse dinheiro em caixa mais do que suficiente para terminá-la! O próximo presidente que havia também colaborado e acompanhado o desenrolar da obra na gestão anterior, ficou incumbido de concluí-la.

Na data de sua inauguração, 20 de dezembro de 1981 (num domingo), a obra seria doada pelo clube à municipalidade. Presentes à solenidade, às 20 horas, estariam o prefeito municipal Ronald Spiering, o past-governador do então Distrito 468 de Rotary International Edson Pereira Neves (governador durante a construção da obra e grande incentivador); o agora presidente do Rotary Clube de São Lourenço do Sul, Ruhd Hübner; o presidente da Câmara de Vereadores Hylton Becker, além de familiares e convidados, ocasião em que foi ligada a chave da iluminação pelo chefe do executivo, e feita a abertura da fita pelo ex-governador Neves e pelo o idealizador e construtor do Pórtico Monumental do Sol, o médico-sonhador que se fazia acompanhar da família.

Atualmente o pórtico está lá, marcando a entrada de nossa cidade, tal qual o sonho que tivera seu idealizador há quarenta anos, sendo hoje um dos símbolos de São Lourenço do Sul!

Ao seu lado – obra que ainda espera um bom acabamento, uma iluminação indireta, escondida no chão, fachos de luz que partem de cada ponta do Sol e um bonito ajardinamento em seu entorno (sonhos de seu idealizador) – e abaixo da grande roda dentada do Rotary, estão perpetuados como preito de gratidão, em placa metálica comemorativa (inaugurada alguns anos depois, na segunda gestão de Hermes Pereira da Silva como presidente do Clube no ano rotário 1986-87 e que seria, num futuro próximo, Governador do Distrito 468), o nome das entidades e pessoas que, um dia, acreditaram na sua construção.



*Pórtico do Sol à noite
Foto de Edilberto Luiz Hammes
com crédito na placa bem ao fundo*

Cadeira nº 11 – Fátima Armesto



Apaixonada pela literatura, nascida em São Lourenço do Sul – RS, em 03 de novembro de 1970. Filha mais velha de Orvandino Armesto (in memoriam) e Maria Wanda Duarte Armesto. É Pedagoga com Especialização em Educação Brasileira. Iniciou-se na produção poética no ano de 1998, quando venceu seu primeiro Concurso Literário promovido pelo Centro de Escritores Lourencianos (CEL). No ano seguinte, 1999, ingressou no quadro social do CEL, sendo que entre os anos de 2006 a 2008 esteve como Presidente do grupo. Publicou seu primeiro livro em 2008 - **Com os olhos da alma**, um livro dedicado à poemas e fotos. Em 2012, publica seu segundo livro - **Simbiose**, um livro de contos e crônicas. Atualmente, prepara sua terceira obra, a qual se chamará **Vestígios**, tratando de relatos verdadeiros de histórias de amor, manifestados nas vidas de seus entrevistados

Nascer do Sol na Lagoa dos Patos, RS

DAS CERTEZAS

Das poucas certezas da vida
tua presença ao meu lado
é a evidência mais viva!

Nada importa nessa hora...
caem por terra todas ideologias,
somem os sonhos mais intensos,
desaparecem medos profundos...
Somente resta a certeza
de teus vestígios no mundo.

Como pode ser tão forte
tua presença em mim?

É o tempo que nos atropela,
é uma saudade sem fim,
é a sombra de alguns descrentes
que incitam essa dúvida em mim.

Mas... por mais que busque palavras,
conceitos ou histórias vãs...
A certeza mais certa do mundo
é tua presença em mim.
Provando que a simples morte do corpo
nunca será o fim.

*Vista da Lagoa dos Patos a partir
de um barco cargueiro que faz a navegação
Porto Alegre – Rio Grande, RS*

SOLTANDO AS AMARRAS

Entre tantos tropeços

E andanças,

Tantas...

Solto meu verso

Rompo minhas amarras

Surradas

Pelo suor da métrica.

Corro, transbordo

Não olho para trás

Ofegante, desacredito por um instante...

Mas já visualizo no horizonte

Um lampejo de esperança.

Eu e meu verso fugimos,

Fingimos não nos pertencermos.

Volto à vida.

Volto à vida.

Enquanto meu verso

Percorre campinas de poesia

Buscando na harmonia

Motivos para me presentear.

Espero tranquila

O dia que meu verso volte

Repleto,

Pleno,

Sereno.

Aí sim!

Reataremos nosso relacionamento

Neste amor sem fim...



Cadeira nº 12 – Susani de Castro Pitano

Natural de São Lourenço do Sul, professora, graduada em Pedagogia e Especialista em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Trabalhou nas redes Municipal e Estadual de educação. Foi diretora da Escola Estadual de Ensino Médio Cruzeiro do Sul, onde sempre atuou na realização de diversos projetos de incentivo à leitura e escrita. Atualmente é Vice-Presidente do CEL – Centro de Escritores Lourencianose Primeira Secretária da Academia Internacional de Artes e Letras Sul Lourenciana – ALL, onde ocupa a cadeira de nº12 que tem como patrono Renato Luís Nunes Petrucci.

EQUINÓCIO

Buscarei meu renascimento,
Tal como equinócio de Primavera!
Inquieta, com minhas angústias e incertezas,
Farei um pacto de ressurgimento.
Das flores, tomarei emprestadas as cores
E pintarei meus dias.
Ofertarei o perfume
Para encher minha existência de novos significados.
Encontrarei no Sol a energia necessária
Para revigorar minhas forças.
A brisa suave me presenteará
Com a serenidade para guiar minhas escolhas.
Assim, num ritual primaveril de fertilidade,
Brotarei mais intensa,
Voltarei renovada!

*Barco à vela – Lagoa dos Patos
São Lourenço do Sul, RS*

ASTRO-REI

Num majestoso ritual,
Ele se despediu em mais um final de tarde.
Uma explosão de cores vermelho-alaranjadas
Seguiu seu rastro,
Talvez na tentativa de trazê-lo de volta.
Sentada na areia da praia
Uma menina assiste a tudo maravilhada.
Para onde ele terá ido?
Pergunta-se, entristecida com a magnífica partida.
Ao longe, um sabiá parece responder:
“Não se preocupe, ele voltará amanhã.
Por hoje, cumpriu sua missão.”
Sendo assim, então até breve Sol,
Astro-Rei do universo!

PANDEMIA

2020, o ano em que o mundo parou, totalmente dominado por um famigerado vírus que ultrapassou fronteiras, atravessou oceanos, espalhando-se pelos seis continentes da Terra em alta velocidade, propagando o medo, aterrorizando a população.

Ruas e avenidas ficaram vazias, comércio fechado, parques e praças abandonadas, carros parados, pessoas isoladas em suas casas. Silêncio! Silêncio do temor, da oração, de corações aflitos clamando por segurança, por respostas e orientações que possam salvar vidas. Crises econômicas, desemprego ocasionados pela pandemia, agravam ainda mais a situação.

Hospitais sobrecarregados, UTIS lotadas, profissionais da saúde exaustos, incansáveis em sua tarefa de cuidado com a vida. Milhares de mortos perdem a batalha para o terrível vírus e, por vezes chegam a ser sepultados em valas abertas às pressas nos cemitérios, sem que seus familiares possam fazer suas despedidas. Vidas ceifadas, famílias devastadas. Desespero, dor, tristeza!

Enquanto isso, a ciência mundial trabalha contra um inimigo desconhecido, altamente perigoso, na tentativa de conhecê-lo, apontar suas características, seus pontos fracos, encontrar mecanismos de defesa contra a sua ação nefasta, criar uma vacina que possa imunizar as pessoas. Inacreditável que em pleno século XXI um vírus possa subjugar cientistas, deixando-os sem reação!

Governantes se desafiam para pensar alternativas de combate ao vírus. Decretos são publicados e reformulados quase que diariamente. A cada novidade, protocolos são criados, visando o combate a contaminação: Uso de álcool gel, higienização das mãos, distanciamento social, tapetes sanitizantes, medição de temperatura, uso de máscaras que passaram a fazer parte do vestuário.

Em meio a tudo isso, a sociedade sobrevive juntando seus pedaços e planejando seu renascimento. Seremos heroicos sobreviventes, protagonistas de uma história que ficará para sempre em nossas memórias. Isso nos autoriza a rever conceitos, buscar novos sentidos para a nossa existência: mais amor, menos ódio; mais solidariedade, menos egoísmo; mais respeito, menos indiferença. Assim, quem sabe se a próxima pandemia não seja somente de coisas boas, para que tenhamos um novo mundo melhor?

Cadeira nº 13 – Noé Cezar da Silva



Natural de São Lourenço do Sul, RS. No ano de 1971 inicia a Faculdade de Belas Artes na cidade de Pelotas e em 1973, paralelamente, começa a cursar a Faculdade de Arquitetura também em Pelotas. Já funcionário da UFPel, Pelotas, assume a função de chefe do Setor de Desenhos e Projetos no Setor de Obras. Sócio proprietário da escola Esboço Designers e também do Escritório de Projetos PLANART. Pesquisador da cultura gaúcha, três álbuns editados IMAGENS DO SUL, três álbuns sobre CAVALOS CRIoulos, em três idiomas. Nas artes plásticas, mais de cinquenta exposições em vários estados e países vizinhos. Atualmente ministra cursos de artes em dois ateliês em Pelotas e São Lourenço do Sul. Músico e compositor participa de festivais nativistas com várias premiações em primeiro, segundo lugar e melhor poesias.

Vejo a cuia recostada no peitoril da janela,
paciente aquecendo o ventre, guardando prenhes
antigas, de tantas recordações que sempre ficam
nos mates dos que mateiam solitos!

Uma cuia recostada no peitoril da janela suplica
ao resto de Sol para aquecer o seu ventre. Carrega
prenhes antigas de tantas recordações que sempre
ficam nos mates dos que mateiam solitos.

Cuia recostada na janela

AMANHECER

Uma tênue claridade acorda as venezianas da nossa janela.

Entra pelas frestas sem licença,
sem pudores para beijar teu rosto ainda adormecido.

Passa pelo teu corpo e despe-te do escuro da noite.

Banha-te em tons de aquarela para depois vestir-te de luz.

Lânguida e preguiçosa, despertas como se fosse tu o amanhecer.

Uma simbiose antiga entre Deusa e Tempo.

Deslumbrado, dispo-me também das vestes e da realidade.

Me entrego!

NEGRO LEONTINO

Todas as coisas que habitavam o galpão, dormiam tranquilas naquela madrugada fria. Ar parado e uma estranha calma deixava bem claro que seria uma noite atípica. Pairava um silêncio absoluto, silêncio de quem reza.

No galpão e nas redondezas do campo nada se movia. Sem o arfar das folhas nas figueiras, sem latidos de cães, sem o tagarelar desafinado dos guaxinins, parecia que a vida esquecera daquele pequeno fundão de estância.

Os avios das encilhas e dos mates dependurados pelas paredes, silenciaram. Acostumados a esperar pelo nascer do Sol e iniciar as obrigações que lhes cabem, nessa noite não sarandeavam com o vento que teimava em entrar pelas frestas, assoviando coplitas seresteiras. Nesta noite não se ouvia o tilintar das barbelas, das esporas e nem tampouco o barulho leve das cambonas.

No galpão, o velho Leontino e o cusco Pitoco, esperavam dormir tranquilos, também na rotina e na espera do novo amanhecer. Depois empezar a eterna lida que tem os homens, os bichos e os avios.

Tudo estava quieto!

Minto!

O cusco Pitoco se parou inquieto desde que entrara no galpão. Atento, no ofício de cuidador da morada e cumprindo talvez seu instinto de bicho, volta e meia levantava e ia até a porta. Farejava a noite e depois, antes de enrodilhar-se novamente junto ao brasedo, parava no catre onde o Negro Leontino descansava.

Fitava-o demoradamente e depois voltava sonolento numa tentativa inútil de empezar o sono. O brasedo, apesar da hora, teimava ainda em conservar um calor vermelho, aquecendo todas as coisas que, pelo menos, deveriam dormir tranquilas.

Estranho.

Sei lá pra quê.

E lá fora... o ar parado. Nada se mexia. Tudo era silêncio.

Até o touro brasino que varava as noites em longos e tristes mugidos, emudecera nessa madrugada.

Êta noite esquisita!

O velho Leontino, embora cansado, também não pialava o sono. De olhos fechados, tentava decifrar o mistério e a quietude daquele silêncio.

Por velho, poderia dizer que sabia tudo. Tinha sempre as respostas pro tempo, pras coisas e pros amores.

Ecos da Lagoa

Decifrava tudo, mas agora, nada, nem instinto e viu que de nada valia a sua intuição e sabedoria de velho.

Talvez por isso, como por encanto, retrocedeu ao tempo de piá. Lembrou dos ensinamentos dos mais velhos quando, com medo dos silêncios, repetia de olhos fechados as orações decoradas. Diziam que quando a noite caia e tudo ficava quieto demais, eram as almas errantes que buscavam por novas almas. Diziam também que as orações eram o único alento e a aceitação para as escolhidas. Só isso. Então, na sua inocência, rezava sempre que a as coisas da noite ficavam quietas e depois ficava a imaginar o porquê deste mistério. Se alguém mais letrado tentasse lhe explicar, por certo não entenderia este processo da passagem do mundo terreno para o espiritual. E assim cresceu sem nunca entender, mas respeitando a sabedoria dos antigos.

Então, nesta noite, voltou a rezar. Nem tanto para acalantar as almas, porque ainda lhe era um mistério, mas sim para afastar os medos que sempre chegavam junto com os estranhos silêncios.



Encilhando - Arte do autor

Ecos da Lagoa

Engoliu a reza no momento em que sentiu a lufada de vento que de repente entrou pela porta e pelas frestas. Estranho que, mesmo emponchado, sentiu o arrepio e o frio adentrar pela carne, gelando a ossamenta cansada.

Pitoco levantou num susto e rosnou. De pelo arrepiado olhava para o catre do velho como se visse algo pela primeira vez e então soltou um longo uivo que ecoou pelo galpão, pela casa grande e por tudo que tinha vida e habitavam o campo.

Os avios quebraram o silêncio num barulho desigual como se alguém os tocasse.

Nas frestas das costaneiras o vento voltou a cantar as mesmas coplitas seresteiras só que agora num canto mais dolente e mais triste.

Leontino, sentindo-se estranho, levantou do catre e, seguido pelo olhar do Pitoco, foi até a rua bombear o escuro da noite. Não era vento de chuva, embora as chuvas tenham, às vezes, um jeito estranho de chegar.

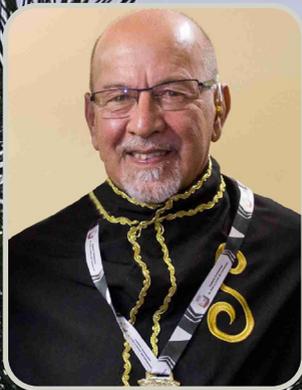
Então, como tudo parecia ter voltado ao normal, fazendo cara volta, adentrou o galpão com a certeza de que talvez fosse apenas coisas do tempo.

Sentia-se leve. Foi quando, como num sonho, viu vultos, viu amigos e familiares que há tempos haviam partido. Entre rezas e prosas estavam ali ao redor do seu catre de lona, surrado de tantas invernias e onde repousava um corpo emponchado, olhos fechados e com as mãos postas como quem rezasse acreditando que as almas sempre vão em paz quando se reza.



O autor e seu violão

Cadeira nº 14 – Adão Quevedo



Poeta, músico e compositor, possui mais de 200 músicas gravadas em CDs de Festivais Nativistas e Populares. É autor do hino de São Lourenço do Sul, foi Patrono da Feira do Livro de São Lourenço do Sul e na ocasião lançou seu livro, **Cortinas da Alma**. Lançou dois CDs. Pela gravadora ACIT **Adão Quevedo na voz dos grandes Intérpretes do Nativismo e Autores Gaúchos** pela gravadora USA Discos.

LEGÍTIMA DEFESA

Baterão na minha porta
quatro anos de ausência,
gente falsa, gente torta,
na maior das inocências...

Baterão na minha porta,
como quem bate carteira,
a falsidade que corta
mais que faca carneadeira...

Baterão na minha porta
os salvadores da pátria,
com tapinhas nas costas
para ocultar a empáfia...

Baterão na minha porta,
quem marca e não nos recebe,
já não lembra, não importa,
quem se ilude e os elege...

Baterão na minha porta
quem nos tira o pão da mesa...
Hora de negar a cota,
em legítima defesa.

*Praia da Barrinha
Lagoa dos Patos - São Lourenço do Sul, RS*

O ENDEREÇO DO CORPO

Hoje eu estou de partida...
Não da casa onde moro,
Mas da minha vida antiga
vou logo, não me demoro...

Vou viver onde eu queria,
me transportar aos poucos...
Me instalar na poesia,
vou ser vizinho dos loucos.

Viver na realidade
já não me fascina mais,
prefiro a insanidade
do que os dias normais.

Eu vou ser dono de mim
ao livre arbítrio da arte,
sempre quis viver assim,
neste universo, à parte.

Aqui eu invento o vento,
o mar e o verbo amar,
me curo dos ferimentos
das pedras, donde eu pisar.

Aqui eu amo e desamo
a hora que eu bem quiser,
sem calendários, nem planos,
do jeito que convier.

Eu vou ao supermercado
compro palavras, temperos,
faço versos, ponderados,
com pitadas de exagero.

Viajo pelo planeta
destas mal traçadas linhas,
entre asteroides, cometas
e o mundo nas entrelinhas.

Há uma lua nos meus olhos
que não me deixa dormir,
nos versos que eu escolho,
na senda do meu porvir.

Há um Sol, onde adormeço,
sem notar a luz do dia...
Só eu sei o endereço
da minha própria fantasia.

Palavras, sem carapaça,
nestes motes que invento,
sento no banco da praça
pra sondar meus sentimentos.

E assim, sem sair de casa,
viajo o mundo inteiro...
Levo poesia nas asas
e horizontes de tinteiro.

O AMOR NÃO SABE MORRER

Sei que esquecerás de mim
na gaveta de algum tempo,
no mais íntimo confim,
onde dorme o sentimento,

quando a ferrugem dos anos
beber o sal das ausências
e a imensidão dos oceanos
impor amargas distâncias...

Talvez, num cais esquecido,
uma gota de lembrança,
nalgum momento perdido,
molhe o rosto da esperança.

O amor que às vezes morre
na dor intensa de um trauma,
ressuscita, depois foge,
pro infinito da alma.

Mas basta um toque de mão
e a chama volta a acender,
na raiz do coração...
O amor não sabe morrer!



Cadeira nº 15 – Arita Martins Corrêa



Natural de São Lourenço do Sul e residente na mesma cidade, nascida em 02 de setembro de 1944. Professora estadual aposentada fez Magistério no Instituto de Educação Juvenal Müller em Rio Grande e Pedagogia na Universidade Católica de Pelotas. Escritora e pertencente ao Centro de Escritores Lourencianos. Faz parte da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana onde ocupa a cadeira de número 15. Publicou o livro: **Peripécias da Família Oliveira**.

*Praia da Barrinha
Lagoa dos Patos - São Lourenço do Sul, RS*

RECOMEÇO

Cai a tarde preguiçosamente,
Balançam as folhas ao sabor do vento.
Ideias mil povoam o pensamento,
voa a imaginação em minha mente!

Como sombra sorrateira,
vem a bruma da noite e seu alento
aliviar as tensões do dia turbulento,
embalar a vida rotineira!

lentamente esboça-se uma expectativa,
coloridas visões em movimento
animam o ego sonolento,
fazem a alma abrir-se rediviva!

Amanhã? Será outro dia!

NO MAR

O marinheiro debruçado no balaústre, à bombordo do navio olhava para a frente e via a proa singrando as águas, repartindo-a.

O intrépido jovem estava sorumbático, pois além de estar há mais de um mês no mar, longe de sua amada, à noite tinha sido provocado, em sonho, pela súcubus, uma demônia em forma de mulher, que tem por prazer excitar a libido masculina. Não sabia mais o que fazer, estava entregue ao desejo.

Precisava fazer alguma coisa para aliviar a tensão que o assolava. Resolveu que iria pescar. Desceu e buscou sua caretilha e iscas. Iscou o anzol e jogou ao mar. Enquanto via a boia colorida dançando conforme o movimento da água decidiu que não pensaria mais nessas baboseiras. Voltaria para casa, para seu amor e tudo ficaria bem. Sairia incólume dessa sua primeira experiência no mar, pois são situações que a vida impõe e que precisam ser enfrentadas.

De repente, a boia afundou e foi necessário fazer muita força. Era um peixe muito grande, com certeza. Puxou, puxou e conseguiu tirá-lo da água e jogá-lo no convés. Para não perdê-lo, pois poderia saltar para fora, amarrou-o e deixou-o à soga, pendurado numa das cordas que seguram o mastro.

Olhava-o de longe encantado, como conseguira tirá-lo da água e, agora ali pendurado com o Sol batendo em todo ele, deixava um brilho prateado como se fosse um corpo cromático.

Com o acontecido as tensões aliviaram e já estava pronto para seguir viagem. Em breve estaria nos braços de sua amada.

IMAGEM

Debruçada sobre o mapa imaginário do Brasil
sinto o calor ardente
das chamas do Pantanal
tocar minha pele arrepiada
e por sob meus olhos
a fuga alucinada e descontrolada
dos animais.
Seres irracionais, agredidos por seres racionais,
Não deveria ser o contrário?
Santuário dizimado em uma natureza ultrajada.
O cenário é de devastação
orquestrado por mentes desumanas e insanas.
Esse calor ardente que sinto não deveria ser só de amor e respeito?

*Atracadouro de barcos pesqueiros
Arroio São Lourenço
São Lourenço do Sul, RS*

Cadeira nº 16 – Gargione Ávila



Gargione Oscar Oliveira de Ávila, natural de Pinheiro Machado, nascido em 5 de novembro de 1946. Reside em Rio Grande. Possui troféus por poesias e músicas classificadas e premiadas em festivais: Martinho Pereira, FEARG, Pérola da Lagoa, Piquete Chama Nativa Grupo Hospitalar Conceição, Planície Costeira, Seiva da Terra, Rinconada, Academia Rio-Grandina de Letras, Estância da Poesia Crioula, Cante uma canção em Vacaria, Bicuíra da Canção, Laçador da Canção Nativa e outros. Compositor do Hino do Piquete Lila Alves. Possui poesias publicadas em Antologias Poéticas: São Pedro do Sul, São Lourenço do Sul, Coletânea Poética Jornal do Nativismo. CDs de poesia: Pra Hora do Mate e Cruzando Cancelas. Sócio da Estância da Poesia Crioula do RS, é delegado regional em Rio Grande e membro da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana.

Foto do autor no campo



DE SANTA FÉ E TORRÃO

Quem vê um rancho de longe pode achá-los meio rudes
só quem cruza suas soleiras pode ver as suas virtudes,
guardam calor pros invernos, pros verões guardam o frescor
e foram pra nossa gente mais do que um ninho de amor.

Só quem habitou um rancho de santa-fé e de torrões
pode entender os valores destas nobres construções,
feitas por mãos calejadas de anônimos construtores
formados nas faculdades dos campos e corredores.

Se troca por modernismos o lar de tantas famílias
que pareciam uns palanques sobre o topo das coxilhas,
já são parte do passado e da história de outras eras
e muitos deles se foram sem chegar a ser taperas.

Tudo tem começo e fim, nada escapa desta sina
e nunca se vai saber onde começa ou termina,
os homens retornam ao pó pois foi do pó que surgiram
e os torrões voltam pra terra de onde um dia saíram.

*O autor em seu
ambiente campesino*

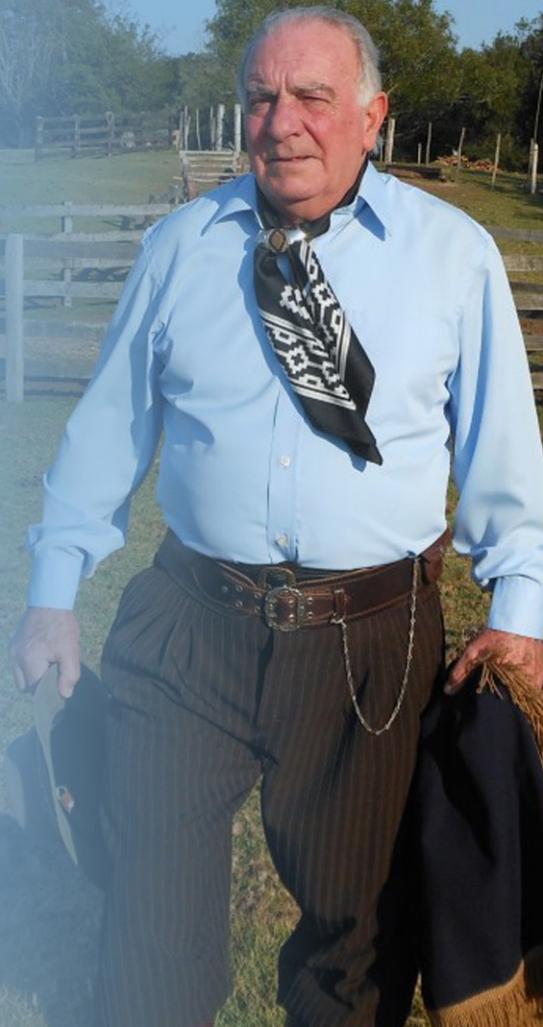
ÁGUAS SALGADAS TEMPERANDO BRAVOS

O mar é a inverno grande sem cercas e sem tapumes onde retossam os cardumes num ritual procriativo, viveiro farto e altivo do crustáceo e do pescado este alimento sagrado tão nobre e tão primitivo.

O pescador é o tropeiro que faz do barco seu pingo sem feriado nem domingo no seu bordejar teatino, se faz homem ainda menino neste ofício abagualado às vezes pouco lembrado traçando o próprio destino.

O leme é o par de rédeas firme na mão calejada é quem norteia a jornada levando pro rumo certo, e o taura no mar aberto bem consciente do que faz deixa as ondas para trás buscando o longe pra perto.

A rede é o laço de doze que está sempre preparado e no momento adequado vai certo pealar a presa, é necessário a destreza e a afinidade dos dois pra que se tenha depois o pescado em nossa mesa.



Ecos da Lagoa

O mar por suas riquezas assim como nas estâncias
é um alvo para as ganâncias pra onde a ambição deságua,
e se afogando nas mágoas os malevas de outros pagos
vem pra cá fazer estragos e pescar nas nossas águas.

São pescadores posseiros que se adonam do alheio
levam daqui o barco cheio sem nada os atrapalhar,
falta é fazer respeitar o que é nosso por direito
porque pra mim o respeito se enquadra em todo lugar.

Quando proseio com Deus fazendo a minha oração
peço sempre a proteção para os que vivem no mar,
que nunca deixe faltar coragem pra esta indiada
de vida tão arriscada e sem glórias pra cantar.

A vida também é um mar onde navegam os meus sonhos
e se uns se param tristonhos tentando em vão me afogar,
reúno forças pra nadar sem ter baliza e nem raia
e chego inteirito na praia pra outra vez recomeçar.

E quando o Mestre dos mestres achar que já está na hora
e eu tiver que ir embora quero ir sem escarcéu,
vou descansar o meu chapéu e as botas velhas judiadas
pra dar as últimas braçadas no mar tranquilo do Céu.

Rio Grande, RS

Cadeira nº 17 – Maria Beatriz Costa Mecking



*Catedral do Redentor -
Pelotas, RS*

Beatriz Mecking (Maria Beatriz Costa Mecking), natural de Pelotas, RS, cursou Letras na Universidade Católica de Pelotas - UCPel e fez mestrado em Teoria Literária na PUC-RS. Lecionou em várias escolas e aposentou-se como professora do departamento de Letras da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Lançou dois livros de contos (**Tempo de Renascer e Histórias do Cotidiano**), uma novela (**Os passos de Júlia**) e um livro de minicontos (**Curtas histórias**). Pertence à Academia Sul-Brasileira de Letras — ASBL, à Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana — AIL e é acadêmica correspondente da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências de Cruz Alta - ALPAS 21. Publica seus textos no site Recanto das Letras, com o nome de Bêti Mecking.

CAMINHO

Ele chegou com garra, com gana. Esses eram alguns termos que pescou no dicionário, no afã de conquistar a língua. Porque queria logo poder entender e, por extensão, falar, comunicar. Foi difícil, árduo exercício aquele, sobretudo o de adaptar-se a outra cultura. Foram meses, anos, até que um sorriso se lhe abrisse, e uma voz doce lhe perguntasse se precisava de ajuda. Falou que aceitava apoio, estímulo, tudo que viesse nesse sentido. Ela apenas respondeu: “Vem.” Pareceu-lhe surpreendente que apenas uma palavra tivesse o poder de mudar uma realidade. E seguiu-a, convicto de que era o melhor que podia fazer.

A NOVA RESIDÊNCIA

– A mãe anda meio confusa! Ouvia a frase no meio de uma conversa, e, nos últimos tempos, aquela frase vem-lhe à cabeça, de vez em quando, sem que a busque, uma espécie de mantra que a persegue em determinados momentos, uma espécie de onda que a inunda, depois se retira e deixa-a na expectativa de que em breve a mesma sensação desconfortável voltará, fazendo-a perder o pé.

– Mãezinha, eu gostaria de te levar para a minha casa, mas, tu sabes como é... Sim, pensa a contragosto, ela sabe como é, o genro se mostra agradável nas relações sociais, o homem bem-falante que sabe tratar dos seus negócios, que se desvencilha dos problemas que o acometem, mas, no fundo, reconhecem os familiares, tem um gênio bastante difícil. Ela própria reconhece que não gostaria de conviver, quotidianamente, com ele. Se ainda fosse do seu sangue... Puxa um suspiro, ser professora não deixa de ser complicado, pode dificultar muito a vida, em matéria de fundos.

Teria preferido permanecer em casa, usufruir do quintal e das plantas que aprendera a amar, e a cuidar, no trato com o marido. Aqueles tempos constituem, à medida que passam os anos, um tipo de fantasia, que cria e recria a seu bel-prazer. Sempre se lembra dos filhos pequenos, as crianças com seus alvoroços, as brincadeiras, as leituras que com eles fazia... Agora, impera o celular, seu domínio abarca tudo, engolindo o melhor do tempo. Procura resistir, mas muitas vezes termina ocupando-se com ele, interagindo com amigos virtuais.

A televisão não a seduz muito. Recusa-se a passar os dias sentada à varanda, vendo os passantes na rua. Recusa-se a perder a identidade naquela casa de repouso, que escolheram para ela, dizendo das suas vantagens. Gosta de sair com a filha, arruma-se com esmero quando ela vem, levando-a para algum passeio. Tem saudades do filho, que aparece raramente na cidade, por ocasião de suas férias. E, no mais, conversa com um e outro, principalmente com o seu amigo, forasteiro, que surgiu por lá, como um sopro de vento no ambiente estagnado.

– Senta aqui, vamos conversar. Ele a solicita, sacode o marasmo com sua prosa inteligente, suas pitadas de humor. Por que está mesmo ali? Talvez pelos mesmos motivos que ela, solidão, necessidade de cuidados. Tem um carinho especial por ele, a pessoa com quem consegue plasmar o tempo que se estende indefinido, rir e brincar como adolescente. E, num desses impulsos momentâneos, encosta a cadeira na dele. – Tu me dás um beijo? Sim, é ela quem pede. Ele estala um beijo no seu rosto. E ambos sorriem, enlevados.

A PANDEMIA

O prefeito, que não tinha habilidade para governar, desestabilizou-se quando a pandemia se instalou na cidade. A maioria dos habitantes considerava que o governo contribuía para a desinformação do povo, tornando-o mais vulnerável. O secretário da saúde se demitira, o segundo não decolara... Naquele clima de instabilidade, o prefeito foi acometido de algumas tosses e espirros, característicos do inverno sulino. O vice-prefeito resolveu então convencê-lo de que devia deixar a batalha contra o vírus para alguém da área. Sugeriu-lhe que, para o seu próprio bem, outorgasse as responsabilidades sanitárias a um médico competente. E assim fez o prefeito: empossou um secretário da saúde e retirou-se, para descansar. Em pouco tempo, espalhou-se a notícia de que o prefeito estava contaminado. Não se tratava de sintomas graves, de modo que podia permanecer em casa, cumprindo isolamento. Por duas semanas, a cidade respirou em paz.

SESSÃO DAS DUAS

Eram outros tempos.

Naquela época, ele costumava dar carona às pessoas que margeavam a estrada, procurando alguém que as levasse à cidadezinha mais próxima, que se espalhava à beira da lagoa.

Era uma pequena cidade, as pessoas se conheciam, relações mais ou menos familiares ligavam os moradores. No domingo, as crianças tinham o hábito de frequentar a sessão das duas do cinema, o único cinema do lugar. Quando a sirene apitava, crianças surgiam de todos os cantos, em direção à rua principal.

Naquele domingo, o cinema estava cheio, todos queriam ver o filme do Mickey Mouse. Antes que as luzes se apagassem, houve um burburinho na parte da frente, diante da tela. Todas as atenções se voltaram para lá. As crianças pararam de conversar, os olhares convergiram para o mesmo ponto.

Fazendo estranhos passos de dança, um homem tirava a roupa, peça por peça, e ia se desnudando numa espécie de ritual. Quando faltava apenas a cueca, alguém do cinema apareceu, foi aquele escarcéu! Arrastaram o homem para fora, chamaram a polícia e, depois de algum tempo, a sessão pôde começar.

Eram outros tempos.

De qualquer maneira, o diretor da escola, quando soube que havia trazido um louco no seu carro, pensou seriamente em não dar mais caronas estrada a fora.

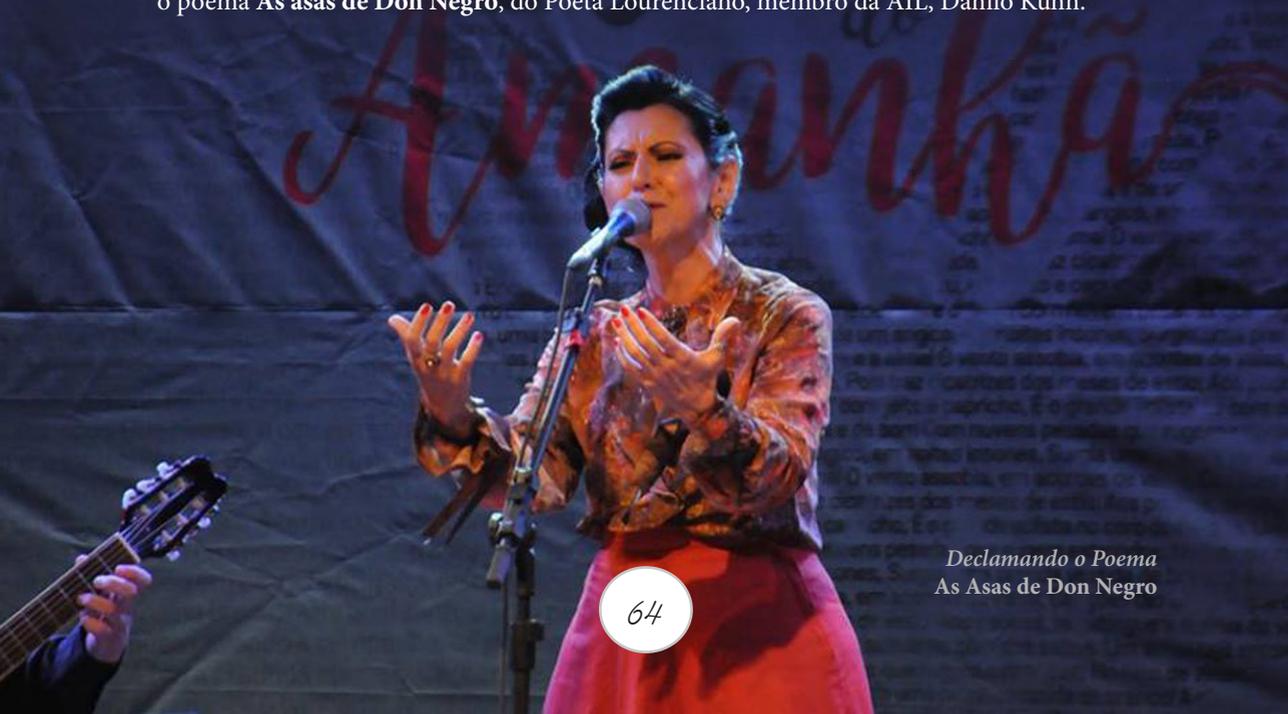
Cadeira nº 18 – Silvana Giovanini



Natural de São Francisco de Paula, reside há 10 anos em São Lourenço do Sul. Formada em Biblioteconomia pela UFRS. Possui cursos de teatro, danças tradicionais gaúchas e bailarina clássica. Declamadora gaúcha com mais de 25 anos de história e premiações em rodeios e festivais de poesias dentro e fora do Rio Grande do Sul. Dentre as premiações na modalidade de declamação destaca-se: O Prêmio Vitor Mateus Teixeira da Assembleia Legislativa do Estado, no ano de 2016, pela trajetória de mais de 25 anos dedicada à poesia e declamação gaúcha. Sendo uma das declamadoras mais premiadas do Rio Grande do Sul, é também jurada dos principais eventos do gênero em todo Estado e Sul do Brasil.

AS ASAS DE DON NEGRO

A foto é do 5º Esteio da Poesia Gaúcha, festival de poesias inéditas realizado na cidade de Esteio em fevereiro de 2019, ocasião em que Silvana Giovanini foi vice-campeã declamando o poema **As asas de Don Negro**, do Poeta Lourenciano, membro da AIL, Danilo Kuhn.



*Declamando o Poema
As Asas de Don Negro*

AS ASAS DE DON NEGRO

Declamando o Poema
As Asas de Don Negro

A noite alta na pampa
encobria, com seu manto,
poesia e acalanto
e sua negra estampa,
lá, onde o silêncio acampa,
pelas sombras sem luar...
Ex-escravo, sem lugar,
que à própria sorte condena,
cativo de suas penas,
Don Negro, preto-sem-lar.

Trazia, na pele, a noite.
Os olhos? Duas estrelas
a vagar pelas veredas,
esmaecidas de açoite,
emponchadas no horizonte.
Don Negro era a escuridão
que as chagas da escravidão
enlutaram em sua alma.
A memória, feito algema,
aprisiona em seu grilhão.

A liberdade tardia
não lhe deixara outra trilha
senão sua sina andarilha
e o passado ainda ardia
quando as plumas da poesia
envolveram o alforriado.
Não mais correntes, cadeados,
nem ferro quente, nem brasas,
pois Don Negro ganhou asas,
transformando noite em dia.

Sua alma amanheceu
em matizes de aquarela
e sua poesia, singela,
do poço do amor bebeu.

Ecos da Lagoa

Vestiu palavras de céu
pra encantar sua amada
e a musa, apaixonada,
entregou-se ao poeta,
pele alva, feito pétala
de uma flor de margarida.
Mas o romance impensado,
entre o negro e a branca flor,
hino ao elo do amor,
despertou o desgosto
de um coração sangrado
e o que era luz e paixão
revolveu escuridão.
Ferido de tantos cortes,
cortejou a própria morte
o poeta em provação.

A flor tingiu-se de rubro,
desfaleceu em seu abraço
e, pungido do mesmo aço,
cerrou os olhos Don Negro.
O anjo de asas negras,
em derradeiro poema,
fez do amor a sua pena
e virou brisa e canção,
soprando na imensidão
a embalar cantilenas...

A noite alta na pampa
encobria, com seu manto,
poesia e acalanto...
Mas, donde a Lua descamba,
a sua negra estampa
no infinito renasceu,
cingindo estrelas no céu.
Don Negro, poeta mouro,
alçou seu último voo
na pena sangrando breu.

*Lago São Bernardo
São Francisco de Paula-RS
(terra natal de Silvana)*

Cadeira nº 19 – Danilo Kuhn



Músico, escritor, professor, pesquisador, vivente, e uma gota d'água num mar infinito. Danilo possui Licenciatura em Música (UFPeL/2004), Mestrado em Composição Musical (UFPR/2010) e Doutorado em Memória Social e Patrimônio Cultural (UFPeL/2019). Participa de festivais de música nativista e de poesia gaúcha desde 2001, conquistando várias premiações. Na Literatura, publicou os livros **O livro dos espelhos** – coletânea de poemas (2011), **Crônicas afônicas** (2014), **O caçador de auroras** – poemas, crônicas e contos (2018), e o ebook de poemas **Casulo** (2020), além de ter lançado um CD com músicas e poemas autorais intitulado **Na estrada dos festivais** (2016). É membro do Centro de Escritores Lourencianos – CEL (desde 2012), da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana – AIL (desde 2019) e da Estância da Poesia Crioula (desde 2019).

MULTIVERSO

o meu verso é multiverso
no infinito da palavra
é o bardo e o alaúde
é a musa adorada
é trincheira é vanguarda
é cidade amurada
é cantiga é serenata
uma noite enluarada
é encanto é acalanto
é poesia rimada
é metáfora desnuda
resistência disfarçada
eu tu ele nós vós eles
é tudo não sendo nada

POEMA NÃO ESCRITO

toda minha poesia
abraçou o infinito
lá se vão rimas e versos
num poema não escrito

eis um poeta sem musas
e palavras já sem voz
eis metáforas perdidas
e um rio que não tem foz

a poesia reside
nos olhos de quem a vê
o poeta só existe
na alma de quem o lê

por enquanto me despeço
entre o sussurro e o grito
quem quiser me encontrar
sou poema não escrito

*O autor à beira da
Lagoa dos Patos
São Lourenço do Sul, RS*

IDEOPOEMA

Amanheceu
Abri minhas janelas
Buscava o poema ideal
Mas um céu de estanho
Estranho
Reduziu meu verso a cinzas

Outro dia, a poesia
Que outrora eu buscara
Tão rara
Enrubesceu no horizonte
Mas eu, alheio às rimas
Havia fechado as cortinas

Ah, a beleza
Arredia utopia
Uma musa só se entrega
Cega
Ao clamor de seu poeta
Quando a tinta beija a pena
Liberta de ideopoemas

*Pôr do Sol na foz do arroio
São Lourenço, RS*

ENSAIO SOBRE A BELEZA

a beleza
por si só
é vazia

é página
de ouro
sem poesia

se a palavra
insegura
se maquia

traí a si
disfarçando
agonia

eu quero a beleza crua
da metáfora nua
entre fachos de lua

eu quero a beleza plena
que desnuda minha pena
ante a face do poema

CANÇÃO

quisera
no croqui deste poema
esboçar tua beleza
em vão

pois teu olhar
me deixou sem prumo
e meu verso já sem rima
no chão

meu peito sem métrica
este edifício em ruínas
arquitetou suas quimeras
mas não

me embriaguei de poesia
e palavra por palavra desabei
pra tanger tua beleza me fiz
canção

Cadeira nº 20 – Elizabeth Beatriz Saraiva Ceron



Natural de Pelotas. Farmacêutico-Bioquímico, Licenciatura em Biologia e Química. Extensão em Farmácia Hospitalar Especialização em Arte Terapêutica. Membro do Centro Literário Pelotense - CLIPE. Membro Honorário da Academia Pelotense de Letras. Membro Efetivo da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana - AIL.

ESCULPINDO...

Quero me esculpir em pedra bruta,
Não em formas de papel
Vagar em pensamentos perfeitos
Na sintonia da razão.
Com saudade, caio no abismo.
Perdida num espaço sideral,
Transmuto!
Transito entre o sonho e o concreto
Com minha palavra real.
Minhas mãos estão abertas
Flutuando sobre cores de Sol ardente,
Nuvens de lã, aqueço-me...
Esculpindo minha alma,
Na escalada do céu!

*Parque da Baronesa
Pelotas, RS*



MONTANHA

No alto da montanha amanhece,
ao som da natureza que enaltece,
luz do Sol, vencendo a escuridão que empalidece.
O poder da montanha rende mil palavras.
Feitiço da Aurora, que emudece corações e mentes impiedosas,
transforma as sementes em árvores frondosas,
frutos em sabedoria.
Corre o riacho de águas cristalinas, entre seixos.
Ninguém reprime os sentimentos...
O lânguido vento, em vestes esvoaçantes.
A Fada dançante de esquisita forma,
guarda segredos sepultados em rochas.
Nutre a seiva em relvas verdejantes,
na candura da harmonia de uma flauta doce,
prendem em grilhões a alma insaciável!

*Santa Casa de Pelotas
Pelotas, RS*

BRAÇO FORTE

Não! Não fales comigo
Deixa-me liberta
Com pensamento livre
Quero voar...
Nas asas da poesia
Eu grito
E nela consigo desabafar!
Não! Não fales comigo,
Nada comentas
Não fales do fardo

Que tenho de carregar
Dá-me a mão, tão somente...
Ah! Sinto saudade
Espaço é vazio, não preenchido,
Zona abissal, elo perdido,
Lembranças doces, acalantar!
Não! Não fales comigo,
Deixa-me pensar...
Pondero meu destino,
Deixa-me guiar...
Não! Não fales comigo, nada comentas,
Dá-me a mão, tão somente,
Um braço forte, a me apoiar!...

*Chafariz das Nereidas
Pelotas, RS*

Cadeira nº 21 – Joaquim Moncks



Nasceu em Pelotas/RS, em 29/09/1946. Tenente Coronel da Brigada Militar (PM) do Rio Grande do Sul, reformado. Advogado. Escritor. Ativista Cultural. Conferencista sobre temas de Cultura e Poesia. Deputado estadual constituinte, 1987/1990. Dez (10) livros publicados desde 1979, a ressaltar o de poemas **Bula de Remédio**, de 2011, e **Oficina do Verso: O Exercício do Sentir Poético**, vol. 01. Porto Alegre: Evangraf, 2016, 167 p., obra paradigmática em que são apresentadas várias nuances da poética e do processo estético-criativo brasileiro. Membro titular: Academia Sul-Brasileira de Letras, Pelotas, 1995; Academia Literária Gaúcha, Porto Alegre, 1995; Academia Rio-Grandense de Letras, Porto Alegre, 2014; Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências, Cruz Alta, 2014. Academia de Letras do Brasil, Seccional BA, Salvador, 2015. Academia Brigadiana de Letras – ABriL, Porto Alegre, Jun2019. Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana – AIL, São Lourenço do Sul, Ago2019. Da Casa do Poeta Rio-Grandense, Porto Alegre, 1977. Da Casa do Poeta de Torres, 2003. Da Casa do Poeta do Casa do Poeta do Vale do Mampituba, Passo de Torres/ SC, 2018. Da Estância da Poesia Crioula, Porto Alegre, 1983. Da Academia de Letras do Brasil – ALB, seccional de Salvador/ BA, 2014. Membro titular na Academia Maçônica Internacional de Letras – AMIL, Set2011. Senador da Cultura pelo Estado do RS ao Congresso da Sociedade de Cultura Latina do Brasil – SCLB, São Luís do Maranhão, empossado em julho de 2018. Desde 2003 é o Coordenador Executivo da Casa do Poeta Brasileiro – POEBRAS Nacional, confederação líder do associativismo literário, com 79 sedes municipais em 20 Estados da Federação Brasileira. Obreiro de Poética com método próprio de oficinação de Poesia para estudantes e escritores-alunos. Reside em Passo de Torres, Santa Catarina. joaquimoncks@gmail.com; <http://www.recantodasletras.com.br/autores/moncks>; <https://www.facebook.com/joaquim.moncks>

Foto: Vagner Machado

PASSAGEIROS DO PASSO E A ARCA DE VIVER

Estação 01: Da terra, dos bichos, das gentes e dos barcos

O Passo de Torres, pequena cidade ao sul de Santa Catarina, na divisa com o Rio Grande do Sul, é uma porção de terra de cerca de 100 km² banhada pelo Oceano Atlântico e pelo Rio Mampituba, o qual – soberano de águas e vida – reina, ora plácido, ora ágil e sempre caudaloso na foz ribeirinha razoavelmente piscosa, caminho de ida e de retorno, particularmente nos períodos de piracema, para o desafio de sobrevivência de sua expressiva população ribeirinha dentre os pouco mais de 5.000 habitantes – largamente dependente das atividades econômicas a partir da pesca e seus entornos.

Do mar grosso chegam diariamente, no período de captura do pescado, dezenas de barcos atulhados de frutos do mar, ao sabor dos traiçoeiros ventos à entrada da barra, junto aos molhes, observados do alto pelos faróis de navegação Norte e Sul. O Passo também é um paraíso para o turismo esportivo e para o lazer de levas de veranistas brasileiros e do cone sul da América, durante o período de verão. Por vezes, cardumes de tainhas, bagres e cardosas (uma espécie de sardinhas ocorrentes na região), dividem o rio com catamarãs de turismo, barcos de pesca profissional, botes, caiaques e motos aquáticas dirigidos por nem sempre hábeis pilotos sazonais, par-a-par de alguns golfinhos marinhos, que, na disputa de alimento para a sobrevivência, encantam o observador graças ao bailado de perseguição às tainhas e outros espécimes, cujos dorsos rebrilham ao Sol como fugidias estrelinhas nascidas sobre as águas também ágeis.



Flagrantes registrados no Passo de Torres, SC

Segundo se diz à boca pequena (e o escriba é mero delator da voz e do sentimento popular), centenas de milhares de toneladas de produtos do mar in natura circulam pelas estradas do amado e bem-visto

lugarejo – uma aldeia provinciana de muita paz e tranquilidade – em modernos caminhões refrigerados, sem nota fiscal, em direção a Laguna e outros municípios circunvizinhos, minguando a receita de impostos sobre a circulação de mercadorias, em âmbito municipal. Também há o triste hábito do não fornecimento de notas fiscais e a não exigência deste documento por parte do povo passo-torrense, em vários estabelecimentos comerciais de secos e molhados, o que faz com que a economia seja sempre minguada em comparação com outros municípios catarinenses de similar tamanho e vocação, no tocante à receita mensal do imposto sobre a circulação de bens de consumo, que, aliás, é recolhido por imposição legal do Estado-Membro e retorna ao município em parcelas que não atendem às necessidades.

Com esta prática, a administração municipal obtém receita mínima para atender às necessidades da população, que, em geral, é composta de trabalhadores vinculados à pesca, à pecuária de leite e de corte, e à agricultura familiar, na área rural, especialmente na formosa região topográfica de raiz agropastoril que vai ao vizinho município de Sombrio pelas estradas vicinais a partir da região agropastoril do Curralinho, passando pelo rico viveiro natural e turístico do Morro dos Macacos. O Sol e o humor dos ventos regulam o andamento da vida, tal como as dunas arenosas muito claras ao Sol, e que constantemente mudam de lugar. No entanto, a população depois de estabelecida migra pouco e os estamentos sociais convivem em harmonia, com exceção dos jovens que têm de sair ao mundo para buscar perspectivas de futuro e sobrevivência. A vida de relação, aqui, regula-se pelas estações e seus humores sazonais.

Capivaras, ratões-do-banhado, preás, gambás, zorrilhos, lontras, bugios, macaquinhos trigueiros, sapecas e saltitantes, gaivotas, biguás e outros pássaros marinhos regionais e os de arribação, quero-queros, pardais, saíras e caturritas, com seus estridentes concertos, fazendo a algaravia do deitar e acordar do dia ornar de sons, luzes e cores o ambiente espacial. Cotidianamente há sempre esfomeados cães e gatos que assistem furtivos e manhosos o beneficiamento dos peixes e outras carnes nas casas, nos ancoradouros e salgas, esperando que lhes sobre algumas delícias junto aos bigodes. Cavalos, muares e alguns inocentes bovinos pastam displicentes pelos terrenos baldios de Passárgada, bairro à beira-mar, distante uns 1.500 metros do centrinho comercial da aldeia. Ali mora somente o meu corpo gasto e extenuado de ambientes urbanos. Porque aqui neste Passo dadivoso, o espiritual pouco dele necessita, devido à urgência de relatar e adentrar ao mundo das agrestes ambientações

Uma antiga e bucólica ponte pênsil de intenso tráfego aproxima as margens de terras e gentes rio-grandenses e catarinenses num ir e vir constantes, fugindo da canícula, nos meses do verão austral. No mais, tudo é a estação dos ventos e o movimento dos barcos, ora prenhes, ora minguados de frutos do mar. Homens e mulheres marcados pela ação da intempérie.



Flagrantes registrados no Passo de Torres, SC

Enquanto isto tudo, os olhos dos faróis da Barra do Mampituba contemplam o mar, estrábicos com a ferrugem da maresia. Feliz quem pode fruir um clima tão propício para o estro da Poesia.

Estação 02: A poesia vive

Enquanto descrevo, uma gaivota bailarina rodopia sobre o fundo azul. O poeta, extasiado, capta em versos o cortejo aéreo nos salões do pensamento. Os seus pés acariciam a areia fina e também bailam na trajetória de raízes e ramas.

Entre um aquário bordado de peixinhos e o mar alegórico das paredes, há um jardim de verdes e de bom gosto – um recanto de felicidade no rosto e aura amiga. Neste ambiente transita um espírito em que o Amor habita. Ora debruçada sobre os canteiros, derramando punhados de terra como se fora uma bênção, ora brincando com os peixes multicoloridos, uma mulher plena de dotes cumpre as anotações de sua bela e longa viagem corsária de talento e peregrinações pelo país e pelo mundo.

É Ney Azambuja, a poetisa, por vezes estendida na rede, aberta ao leque da permanente juventude, contemplativa de suas plantas, ciente de sua função no universo em que vive e atua. É ela a Musa, em seus quase oitenta e oito anos. É uma lástima que os cerca de cinco mil habitantes do lugar não saibam que convivem com esta ave rara, que cuida da palavra poética com o mesmo esmero com que orvalha orquídeas no herbário.

Talvez porque a luz brilhe para quem não tem olhos para captar a sua exata correspondência ou por ser a Musa a anônima observadora do espetáculo que escapa aos olhos da comum criatura. Passa-nos, assim, a incontida alegria de privar com Ney Azambuja e fazer parte de sua mágica de viver.



Flagrantes registrados no Passo de Torres, SC

Estação 03: De casas e ventos

Nesta morada praiana ocorrem imensas horas de “ócio com dignidade”, afinal sou um aposentado, ainda bem que não inativo. Aliás, um nem tão jovem jubilado. Este ócio útil e digno permite quilômetros de leituras, algumas retinas baças de tanta beleza rústica e maresia, também centenas de páginas de amor ao tempo, à vida, aos amigos que me são caros.

Ainda hoje, à meia tarde, olhava o interior do chalé ouvindo a voz do mar, lembrei-me de Marilu Duarte, da fraterna amizade e do seu talento estético e fotográfico. Eu havia levantado os olhos e admirava a Ponte Mauá, situada lá em Jaguarão, no RS, em agradável concepção estética, nos três quadros pendurados na parede da sala. Nem sei se ela lembra da aquisição destas expressivas peças de sua obra.

Insólito vigilante guarda a nossa casa: um pescador entalhado em cedro, que um dia pernoitou numa banca de artesanato no Mercado Modelo, em Salvador da Bahia. Há um sol em madeira e metal que serve de ara, com algum resquício de Buda e xintoísmo, servindo para energizar e equilibrar os espaços. Os sentimentos vivos, cores e poemas são vidas a povoar os olhos. A popular “Lei das Pilchas”, com um gaúcho de bombachas e largo bigode, lembra os meus laivos de amor ao regionalismo. Algumas fotos de Ney Azambuja, poeta e amiga que me vendeu o imóvel e que abençoa a casinha com a sua espiritualidade plena; a cimitarra de madeira sobre o espelho imenso, e chapéus-de-palha com ramos

secos, amainam o som dos “sinos da felicidade” em pedra. Nossa Senhora das Graças em seu oratório, Iemanjá e muitos amados livros observam tudo com o sábio silêncio do mutismo.

Em meio a esta algaravia doméstica dia e noite os cupins fazem festa e, ao bater palmas, deitam pedaços de material vário, para a alegria das vassouras, o desespero de Andréa – a musa – e o espanto de saber que os meus pulmões asmáticos sobrevivem à poeira. Estamos em obras, reparos necessários e os incômodos com pedreiros e pintores agitam os dias. Esse é o quadro que o doce e arguto olhar de artista faria coro e, por certo, traduziria novas belezas em meus inquietantes alter egos. Vês, Marilu, estou saudoso de nossos papos, dessas inusitadas intimidades que perpassam nos condenados ao pensar.



Flagrantes registrados no Passo de Torres, SC

Estação 04: A casca de nós

Por estas bandas o vento norte andou fazendo estragos. O mar era uma fera se rebolcando sobre areias e até roubou pedaços das margens do rio. O Mampituba, por sinal, andou vomitando lixo e revirou pedras de calçamento no ancoradouro da balsa. Faz dois dias que se aquietou e o Sol tímido reina, em sua placidez de outono. À noite, a Lua cheia é um imenso melão maduro com suas estrias sombreadas de lusco-fusco.

Não tem saído da cachola nenhum poema, apesar deste curso de observação de ambientes e os seus duendes, porém estamos grávidos de energia. Como podem notar, estou ávido de conversas e novidades.

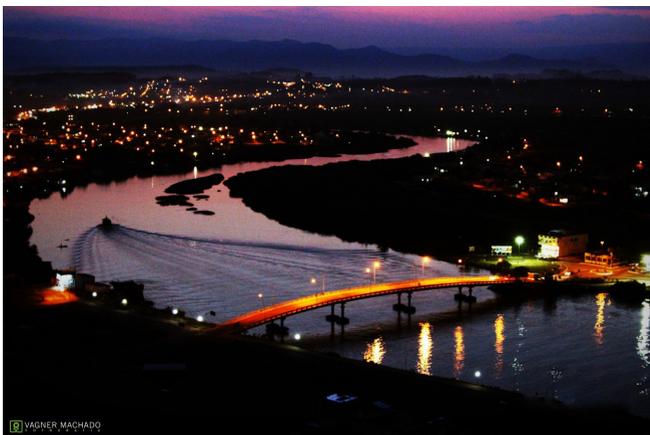
O que tenho por aqui é parco quando o sonhar lembra a capital dos gaúchos. A única livraria local amalha em suas “burras” os meus gastos com mais de quinhentas fotocópias, montagens várias de noticiários novos e antigos, canetas, folhas, marca-textos, disquetes, cartuchos de impressão.

A Casa dos Poetas de Torres e do Passo começa a quebrar o ovo e aglutina-se a comunidade em torno de sua comissão de instalação. Num

dia desses terá a sua primeira reunião pra valer. Talvez venha a eleger diretoria provisória logo. Vai depender do curso dos ventos. Com tanto céu e mar, decerto haverá alguns poetas para olhar o horizonte muito além da Ilha dos Lobos e sonhar um mundo mais fraterno e solidário, zeloso de cuidados quanto ao lixo que se acumula mais e mais pela ação humana nas margens ribeirinhas e que se espalha nas águas, dizimando os espécimes marinhos.

Os ventos sempre trarão as marés para dentro de casa. O comportamento dos homens é similar aos do vento. Talvez por isso os barcos que adentram ao mar tenham os seus casarios: aquelas casinhas em torno da cabine de comando, que protegem a tripulação. Numa casca de noz sobre ondas revoltas, o marujo do leme é o caroço da amêndoa, quebrada a casca, vai-se a polpa. São os ventos e as cartas os únicos passageiros que trespassam. Os primeiros agem sobre o corpo e os casarios. As segundas sobre a mente e o coração. De todas, sobram estragos.

Afinal, tudo é apenas passagem. Como as gentes, o vento e os barcos, no Passo de Torres, quase ao sul do mundo, bem perto da Ilha dos Lobos. Estes mesmos que vão e vêm, quase todos os anos, em suas migrações ao sabor dos ventos e das correntes marinhas, para sobreviver e procriar a espécie. Ao espectador cabe apenas o registro dos lugares, dos homens e suas demandas, dos bichos e suas passagens frente ao tempo de comer, viver, sonhar e, eventualmente, semear para o implacável futuro que se desenha a olhos vistos, mesmo que a maresia torne, por vezes, os olhos vesgos. Porém, o estrabismo faz o expectante mais cauteloso e cuidadoso para com o viver.



Ecos da Lagoa

Cadeira nº 22
Maria Luiza Teixeira Colvara



Natural de Rio Grande, professora, graduada em Ciências Sociais pela Universidade Católica de Pelotas, com Pós-Graduação em Psicopedagogia. Atuou como professora nas redes municipal e estadual em São Lourenço do Sul, onde reside desde a infância. Artista plástica, esteve sempre envolvida na promoção e apoio à eventos culturais e artísticos. Atualmente é 2ª secretária da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, onde ocupa a cadeira de nº22 que tem como patrono Luís Carlos Colvara.

Veleiro na Lagoa dos Patos
São Lourenço do Sul, RS

Ecos da Lagoa

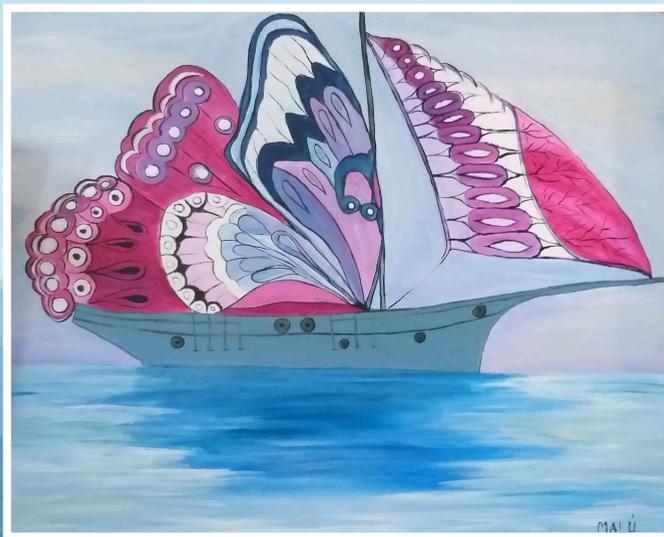


Tela pintada pela artista

Ecos da Lagoa



Telas pintadas pela artista



Cadeira nº 23 – Nathana Bubolz



Nathana Nörnberg Bubolz nasceu no interior de São Lourenço do Sul, filha de Silmuth e Liane, agricultores. Veio para a cidade com 20 anos, em busca do seu sonho, trabalhar na área da beleza. Atualmente, trabalha há mais de seis anos como cabeleireira, com dezoito certificados obtidos com os melhores profissionais do país. Estuda desenho há cinco anos no ateliê Noé Cezar, onde participou de três exposições coletivas e uma individual. Possui dezenas de trabalhos em grafite, pastel e lápis de cor. Tomou posse na Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, assumindo a cadeira nº 23, tendo por patrono Túlio Oliver.

*Céu refletido nas águas da
Lagoa dos Patos
São Lourenço do Sul, RS*



A artista enquanto desenhava



Telas de autoria da artista

Cadeira nº 24 – Verena Rogowski Becker



Artista Plástica e Escritora - Naturalidade Brasileira e Alemã, formada em Licenciatura Plena - Desenho e Artes Plásticas (UFRGS), pós-graduada em História do Rio Grande do Sul/Sociedade, Política e Cultura (FURG), Diversas exposições individuais e coletivas, vencedora de dois concursos de esculturas. O primeiro como criadora do monumento ao Curtidor da cidade de Estância Velha/RS, o segundo para o troféu de concursos de corais infantojuvenis de Novo Hamburgo, tem trabalhos vendidos para galerias na China e clientes Europeus; professora de artes e coordenadora pedagógica em secretarias de educação e cultura nos municípios de Santo Ângelo/RS, Campo Grande/MS, Estância Velha/RS, Novo Hamburgo/RS, São Lourenço do Sul/RS. Secretária de Educação e Cultura de Estância Velha/RS entre os anos de 1996 e 2000. Na escrita venceu seu primeiro concurso de redação sobre a Paz aos 12 anos de idade; Publicou os livros **Janelas da Criatividade**, em 2006; **O Mistério da Lança de Sepé Tiaraju** – Porque essa terra tinha donos – em 2014; **Amnésia de Sofia** – em 2019. Participou de vários concursos de poesias e contos, foi premiada várias vezes. Participou de várias “Antologias do Centro de Escritores de São Lourenço do Sul” e da Coletânea de Poesias: “Mulheres e Asas: Borboletas em verso” – 2008; coletânea de crônicas de viagens “Cidades Indizíveis” - 2019 e assumiu a Cadeira nº 24 da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana – AIL / 2019.

*Barcos de pescadores
São Lourenço do Sul, RS*

AS FIGUEIRAS

Sentados na varanda da casa de campo que os dois amigos mantinham a conversa sobre a vida. A tarde de final de primavera presenteada com um vento leve do Sul, vinha perfumada pelos cinamomos que rodeavam a casa e o chimarrão acalmava a sede com a água um pouco mais morna do que quente.

— Escuta bem, Antônio, já faz quase um ano que você comprou essa terra e sei como ninguém que fez transformações muito boas por aqui. Mas essa muda de figueira que teimou em buscar lá de cima do morro e plantou aí na frente da varanda, me deu vontade de te contar umas coisas que por aqui aconteceram já fazem umas dúzias de anos.

Olhou para o amigo sisudo e, como o conhecia bem, desconfiou que o outro teria tempo de escutar o que tinha a dizer sobre aquela específica figueira, poderia trazer má sorte ao amigo, pois este não conhecia a história daquelas terras como ele. Não queria assustá-lo, se remexeu um tanto no banco de três pés, no qual estava sentado, determinado a contar os mínimos detalhes como lhe era de costume.

— Pois olha que não se vendeu essas terras por muitos invernos, visto que era considerada de mau agouro, mas isso são coisas do povo e dos peões encasquetados, porque o dono das terras era um italiano, boa gente, com mulher, três filhas e dois varões. Esses eram fortes e de boa lida na roça. As gurias, flor de faceiras e ricas em beleza, como a mãe delas, cuidavam da casa, da horta e da ordenha, a mãe era boa costureira. As moças gostavam de dançar e frequentavam quase todos os bailes da cidade de São Feliciano. A mais nova, muito acanhada, só ia na companhia dos pais, as mais velhas acompanhavam os irmãos e voltavam de madrugada, quando as estrelas já se apagavam e o Sol já vinha nascendo dessa forma linda que a aurora se faz aqui por nossas bandas.

— Família bonita e boa, eu só tive dois filhos que gostam mais da casa da cidade do que dessa aqui. Talvez meu filho que é mais novo, um dia decida gostar das mesmas coisas que eu e se interesse em cuidar dessa terra. Mas continue amigo, sei que não gostas de parar no meio das tuas histórias.

— Mas lhe conto que certa vez veio um moço da cidade de cima da serra para um desses bailes, alemão de nascença como meu pai e se encantou com a beleza e simpatia da filha Adélia. Mas o destino é feito cheio de voltas. Não é que na mesma noite e num só olhar, a filha mais velha Helena se apaixonou perdidamente pelo mesmo moço. Por cinco bailes que ocorreram nos cinco ou seis meses posteriores, o tal de Reinaldo vinha com seu Ford vinte e nove, estacionava na frente do clube, entrava no baile vestido de terno de linho bege, sapato preto e branco, bico fino, coisa que se usava naquela época. Dançava a noite inteira com a Adélia para tristeza de Helena, que recusava o convite de todos outros pretendentes. Certo dia o disputado rapaz resolveu visitar esta casa decidido a pedir a mão da guria em casamento, apumado e com seu carro de pneu banda branca, entrou dobrando a curva da entrada e

por meio daqueles eucaliptos que hoje a ladeiam majestosamente velhos e altos, passou a roça de milho e estacionou, no meio da poeira que o próprio carro havia formado, bem na frente dessa varanda.

— Não sei bem dessa tua história, mas deve ter sido uma confusão, gringo italiano nunca se deu bem com os alemães aqui no sul do Brasil.

— Pois é o que ia lhe falar. O velho italiano, muito conhecedor de armas, tinha uma ao lado da cadeira, sempre carregada, mas aquilo não acanhou o moço, não, ao contrário levaram uma boa prosa sobre a Itália e a Alemanha. Não estou incomodando muito com minha prosa, não?

— Mas claro que não, o dia que eu não estiver disposto a escutar essas tuas histórias, eu busco a minha arma que está pendurada lá dentro, em cima da lareira, amigo José – soltou uma risada bem gostosa, estava era acordando e interessado no que tinha acontecido nas terras que comprara.

— Pois foi, que a mais moça chamada Mirtes, ficou encarregada de oferecer o chimarrão com docinhos de polvilho para o visitante, já que havia se apresentado educadamente ao pai delas. E se o tal Reinaldo, que havia gostado da Adélia nos bailes por sua beleza, naquela hora bateu o olhar sobre a moça e se apaixonou imediatamente pela Mirtes, foi olho no olho o amor dos dois.

— Mas que história essa, três filhas apaixonadas pelo mesmo alemão? Quase não dá para acreditar nessa tua história, meu amigo.

— Mas eu lhe conto a verdade. Foram muitos passeios, palavras românticas e beijos que aconteceram entre os dois. O povo fala que ela levava ele lá debaixo das figueiras no outro lado da estrada.

José se indignava que o governo decidira cortar as terras de todos, inclusive as dele para fazer aquela estrada que levava até a cidade, não sabia como, pois herdara a terra dos seus pais.

— Era um lugar muito bonito, corria uma vertente cristalina no meio das duas fileiras de pés de figo, mas secou com o tempo. Dizem que foi pelo acontecido — parou para fazer suspense, via o brilho nos olhos do amigo e continuou — foi lá que os dois fizeram juras de amor e decidiram pelo casório que dizem ter sido uma das maiores festas feitas nesse lugar.

— Mas é uma história feliz a que me contas?

— O mau agouro das figueiras que quero alertar, é que enquanto os dois apaixonados viajavam em lua de mel pela terra natal dos avós da menina Mirtes na Itália e também pela Alemanha, terra do noivo, as outras duas irmãs tristes e desesperadas com a escolha do tão dotado moço, num pacto do demônio, se enforcaram cada uma numa figueira. Desgraça pura, todas as figueiras secaram por muitas primaveras e por causa dessa desgraça a família se mudou, mas sabe-se lá qual das figueiras o senhor replantou? Depois não diga que não avisei, porque a desgraça nunca vem sozinha, meu amigo.

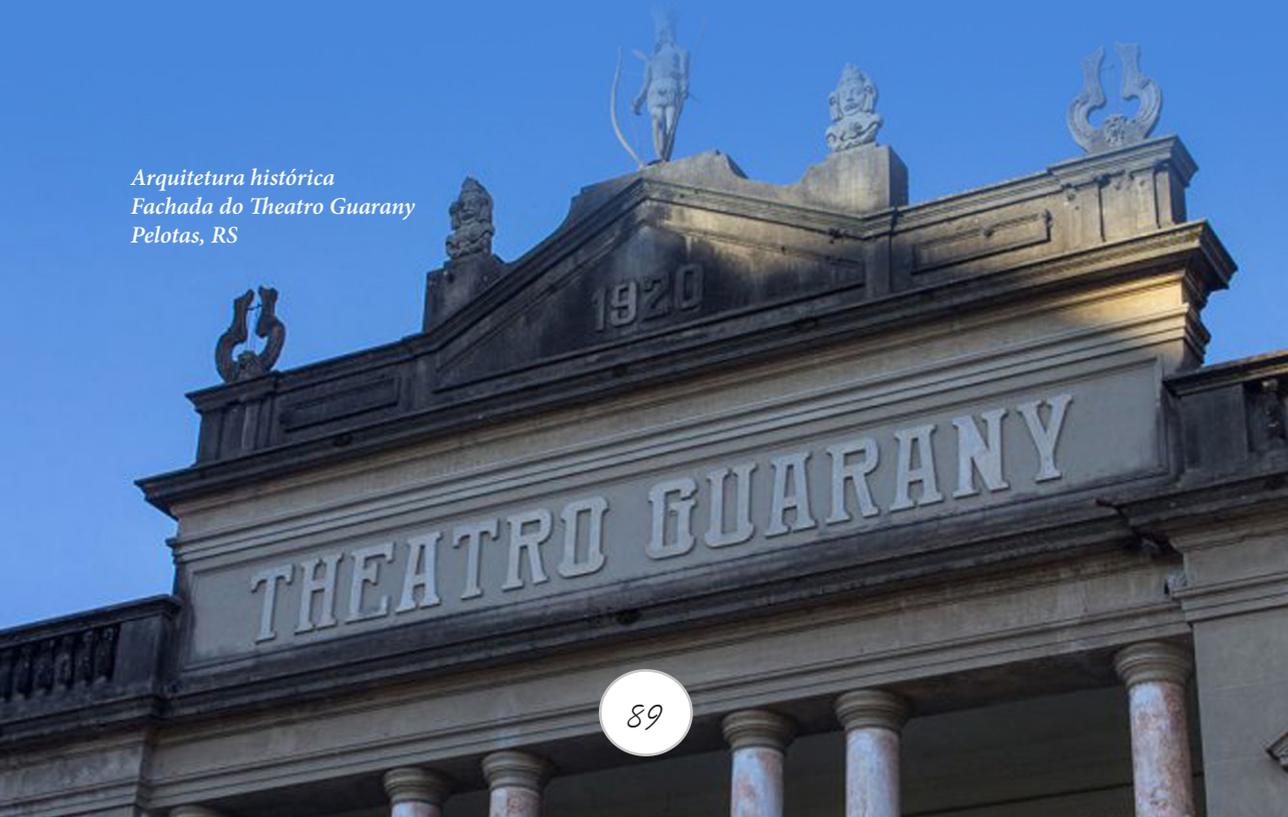
Levantou, se despediu e foi embora, deixando o outro olhando pensativo para a figueira que trouxera para a frente da casa.

Cadeira nº 25 – Victor Hugo Siqueira



É pelotense, tem 32 anos de idade, é turismólogo, empresário, escritor e pesquisador. Atual presidente do Clube Caixeiral de Pelotas, entidade social mais antiga daquela cidade. Atual presidente do Lions Clube Pelotas Laranjal, recentemente foi eleito presidente do IHGPEL (Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas). Membro efetivo da Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, ocupando a cadeira de nº 25, tendo como patrona a inesquecível escritora Dra. Neuza Marilu Peres Duarte. Membro efetivo da Academia Sul-Brasileira de Letras, tendo como patrona de sua cadeira a grande escritora pelotense, Magda Costa. Integra a irmandade da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas. Membro do Instituto São Benedito da cidade de Pelotas.

Arquitetura histórica
Fachada do Theatro Guarany
Pelotas, RS



UM CONVITE IRRECUSÁVEL

Nestes tempos difíceis, de pandemia global, de medo, insegurança, tristeza e morte, quero falar de beleza. Quero desviar o foco de tudo de ruim que pelo mundo se espalha, e para isso vou falar da minha cidade: Pelotas.

Pelotas, para quem não sabe, fica no sul do Rio Grande do Sul, às margens do Arroio São Gonçalo, à beira praticamente da Laguna dos Patos. É a cidade que, para mim, mais faz jus ao título, ou epíteto, como quiserem chamar: PRINCESA DO SUL, assim mesmo, com letras maiúsculas, posto que nenhuma outra cidade se lhe compara em beleza, tradição, cultura e acolhimento. Quem aqui não nasceu, sente-se em sua própria terra. Quem daqui é natural, não pode jamais esconder o orgulho de dizer, alto e bom som: Eu sou Pelotense! Falei antes dos tempos sombrios que vivemos, então vou conduzir quem me lê por um passeio virtual. Abram-se as asas da imaginação, agucem-se os olhos da alma, que estaremos visitando a História, a Cultura, a Arte e a Magia, tudo em um só lugar.

Começemos lá longe, no tempo, quando Pelotas era fornecedora de charque para o Brasil e o Mundo. A indústria saladeril deu a esse recanto do Mundo um poderio econômico ímpar, e, por consequência, trouxe para cá todas as coisas boas que só os europeus desfrutavam. Daqui saíram os jovens para estudar no Velho Mundo, trazendo, ao retornar, a cultura e as boas maneiras. A arquitetura pelotense deve também a esse desenvolvimento econômico o seu fausto e bom gosto, ainda hoje visíveis, especialmente em seu centro histórico. Os charqueadores viviam como reis, e até hoje impressionam a quem chega à cidade os casarões, verdadeiros palácios, que encontramos a cada esquina. Pelotas tem o mais antigo teatro do Brasil, o Sete de Abril, bem mais que centenário. Bem perto dele há outra joia em forma de casa de espetáculos, o Theatro Guarani. Conhecê-los dará uma boa ideia da importância da cultura por aqui, desde os tempos mais longínquos. A sociedade pelotense formou e fundou pelos anos a fio clubes sociais que atendiam desde as camadas mais baixas às mais altas da população. Deles destaco o Clube Caixeiral de Pelotas, que há pouco tempo completou 140 anos. É o mais antigo da cidade e dos mais longevos do Brasil. De seus salões, saiu aquela que foi a Primeira Miss Universo brasileira, a grande Yolanda Pereira. Aqui, então, cito mais uma qualidade de Pelotas: a beleza de suas mulheres.

Mas a Literatura tem aqui importância substancial. São daqui João Simões Lopes Neto e Lobo da Costa, entre outros escritores de vital importância nas letras brasileiras. Aqui foi escrita boa parte da produção literária de Simões Lopes, e a sua casa está transformada em Casa de Cultura, preservada, bem como suas obras e sua memória, isso sem falar no Castelo Simões Lopes, situado à entrada da Cidade, no Bairro de mesmo nome. A Bibliotheca Publica guarda um acervo imenso, verdadeiros tesouros literários ao alcance de todos, e isso leva a uma palavra em moda atualmente: Inclusão. Qualquer

um, nessa terra abençoada, pode dirigir-se à Bibliotheca e mergulhar na História como um todo, pois lá existe literatura para todos, de todos os gostos.

Começando assim sua história pelo sal das charqueadas, Pelotas desenvolveu uma sólida tradição no ramo da alimentação. Em anos passados, existiram inúmeras fábricas de conservas e compotas que abasteciam o País e o Mundo, algumas das quais ainda persistem na atualidade. Nesse mesmo caminho, e ainda por influência europeia, sempre existiram na cidade muitas e famosas confeitarias, que destacavam o melhor da doçaria mundial, mas com predominância da arte doceira portuguesa. Impossível vir a Pelotas e não se deliciar com os quindins, pastéis de Santa Clara, ninhos e demais doces tão generosamente servidos nas casas de chá, confeitarias, ou mesmo nos quiosques da Rua do Doce. Fruto da tradição doceira local, a Fenadoce, Festa Nacional do Doce, é o evento mais cobiçado por gente de todas as origens, e traz milhares de pessoas todos os anos à cidade. Por sinal, que possa ser retomada logo, passada a crise. Acho que não existe presente melhor que uma bela caixa de doces pelotenses, visto que só a origem já é sinônimo de qualidade. Aliás, aqui vou sair um pouquinho da área urbana para viajar pela Colônia de Pelotas, onde situam-se algumas das fábricas de doce locais. Quem ainda não conhece a Colônia de Pelotas, o seu interior, não sabe o que está perdendo. Quem anda por ali, poderia estar andando pelas terras de França, Alemanha, Espanha e Portugal. Há lugares pitorescos e históricos, fabricantes de vinho e doce, locais para acampar, pousadas e restaurantes aconchegantes, enfim, um microcosmo do mundo, bem ali no quintal, por assim dizer. Como eu disse no início, quem não nasceu aqui, mas aqui chegou um dia, não quer mais sair. Vira Pelotense, com P maiúsculo.

Fé também é cultura, e estamos bem servidos. A Catedral São Francisco de Paula é um deslumbramento! As pinturas de Aldo Locatelli, mundialmente conhecido, a magnífica imagem de São Francisco de Paula, a imponência e riqueza desse templo o fazem famoso em toda parte. Há inúmeros outros templos católicos, como a Igreja do Sagrado Coração de Jesus, as igrejas de Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida, bem como a Igreja da Luz, a mais antiga da cidade. Aqui existe uma das maiores festas de Nossa Senhora dos Navegantes do Brasil, ousado dizer. O encontro da procissão católica, via Lagoa dos Patos, com a procissão umbandista de Iemanjá emociona todos, independentemente da religião, e se trata de uma gigantesca demonstração de união. A fé, aliás, deverias servir para isso, unir e aproximar as pessoas, e não dividir.

Educação, algo muito importante. Pelotas tem algumas das mais antigas instituições de ensino do Rio Grande e do país. Quem tem um diploma da UFPEL ou da UCPEL é reconhecido como pessoa de gabarito e saber. Temos aqui o atual CEFET, antiga ETFPEL, que há décadas vem formando profissionais disputados mundo afora. O Direito da UFPEL está há muito tempo reconhecido como um dos melhores do Brasil, e os demais cursos não lhe ficam a dever. Ensino de qualidade, em todos os níveis, não precisa procurar fora. Aqui tem, e da melhor qualidade.

Vou divagar mais um pouco. Vejo o Barão dos Três Serros, lá no Solar da Baronesa, no mirante, olhando pela luneta os barcos que conduzem suas mercadorias e sua riqueza chegando e saindo do Porto. Vindo em direção à cidade, à beira do Arroio Pelotas, vejo os imensos varais de charque nas Charqueadas que fizeram história e que hoje, transformadas em museus, são monumentos à riqueza desta terra. Locais onde se fez história, onde houve um dos maiores fluxos de escravos, fora da região nordeste do Brasil, do que é testemunha o grande número de afro descendentes na região. Mais alguns quilômetros e estou no Laranjal, a praia mais charmosa do Rio Grande do Sul para mim. Praia de Lagoa, dirão alguns. Mas que tem tudo que as pessoas que desejam desfrutar da Natureza poderiam querer. Caminhar no calçadão do Santo Antônio, tomar um chimarrão embaixo das figueiras, pescar no Barro Duro, ou acampar nas matas dali, pedir a proteção de Iemanjá na gruta, isso tudo só tem aqui. E nem Copacabana é tão atraente numa noite de luar ou num dia de verão sob as figueiras. Festa também é aqui: o Carnaval de Pelotas atrai gente de toda parte, e em outros tempos foi considerado o segundo do País, perdendo somente para o Rio de Janeiro. Fizeram história os desfiles de décadas passadas, com as guerras de confete entre os Clubes rivais, cada um tentando superar os outros. Hoje o Carnaval é muito diferente, mas os bons tempos viverão eternamente na saudade dos foliões.

Em nenhum outro lugar você pode ir ao velho e amado Mercado Central, que já foi até destruído pelo fogo, mas, reerguido das cinzas está lá, imponente e sendo hoje o ponto de encontro da comunidade pelotense. Dê-se uma volta pelo Centro. Está tudo ali, a História a cada passo, a estátua de Lopes Neto sentada na praça, os casarões dos charqueadores em seu entorno, a vida passada e presente lado a lado. Só aqui você pede na padaria um queque e não um bolo inglês. Em Pelotas você chama uma criança pequena de mandinho e não de guri, e muito mais coisas. Tradições, cultura, costumes, tudo único e exclusivo. Aqui até a morte é cultura. Quem duvida, vá à parte mais antiga do Cemitério do Fragata e deslumbre-se com a imponência dos mausoléus, visite as figuras exponenciais desta terra que já partiram. Embora saibamos que somos todos iguais na morte, as toneladas de mármore italiano causam uma grande impressão em quem as vê do lado de fora.

Haveria muito mais a falar, mas prefiro deixar para aqueles que aqui vivem a missão de formar suas próprias memórias e lembranças. Para quem não conhece Pelotas, está feito o convite para ver tudo que citei acima e criar suas histórias, estabelecer seus gostos e afetos. Temos hoje a facilidade das redes sociais, da Internet, dos meios de comunicação global para ir a muitos lugares sem sair de onde estamos. Mesmo em quarentena, podemos visitar o mundo, e quando tudo passar, esquecendo o que foi ruim, despertar para a vida, sair e conhecer o que há de bom por aí, às vezes tão perto de nós e que não enxergamos.



Acadêmicos correspondentes Cadeira nº 1 – Maria Cristina Drese

Escritora, “Poeta del Mundo”, Presidenta para Argentina de la Sociedad Latinoamericana en São Paulo, Brasil, Premio “Mulher 2012” (Donna 2012), Agropoli, Italia, Premio Victoria a nivel literario y logro social y cultural para Europa y América, entregado en Montevideo - Uruguay, Miembro de la Asociación Internacional de Escritores y Artistas (IWA) 2013 - EE. UU., Miembro de la Academia Francesa de Artes, Letras y Cultura, galardonado con la Medalla de Oro París - Francia, destacada en Literatura Trofeo Carlos Drumond de Andrade, Minas Gerais - Brasil, Presidenta de SADE (Sociedad Argentina de Escritores) Sección 51 Monte Grande - Argentina, premios y publicaciones en Antologías en Italia, España, Norteamérica, México, Cuba, El Salvador, Ecuador, Brasil, Uruguay, Chile y Argentina, varios libros publicados.

MIL VECES

Pasajera en la lluvia
de galaxias lejanas
invado
la cavidad de tu alma.

Amarte mil veces
cuando al sueño te entregas
recorrer tu imagen
besar tus labios
dejar mi marca
flotando
y en un suspiro penetrar
en los ojos de la noche

Seguir la huella de la luna
hasta la esquina
donde dobla el viento.

*Plaza Mitre - Montè Grande
Buenos Aires, Argentina*

Ecos da Lagoa

METAMORFOSIS

La estatua se quiebra
el corazón revive
arasa y devora

mariposa salvaje
recorre su sangre.

El Sol refleja la sombra
volando en un lienzo
de un claro de luna

quiere transformarse
busca el rostro amado

el tiempo es breve
desea despedirse

dejando su sentimiento
a su amor en este mundo

y en un suspiro
partir a su destino.

*Tanque de agua pintado
con los cuatro elemento récord guinnes
Monte Grande, Buenos Aires, Argentina*

VUELOS

El reloj marca la medianoche,
la pupila moja las palabras.

Reflejado en el techo de madera
casi perfecto
un águila sobrevuela el cielo.
Apacible y bello
el vuelo de la garzas sobre el agua,
que anidan en el silencio
de un sueño de verano.

La memoria
con olor a pino
tantea las horas.
Cierra la ventana
a ese recuerdo extraviado
en el flujo del tiempo.
en las tinieblas de los sueños.

El laberinto del tiempo.
Usurpo las dimensiones
busco el templo arcano
arquitectura eterna
que me lleva al cielo
en las tinieblas de los sueños.

Y entre moléculas
me inclino a la tierra
lugar sagrado del alma
en un viaje inexistente
al espacio infinito
donde sólo somos
cautivos de la vida.

*Plaza de los fundadores
Monte Grande, Buenos Aires, Argentina*



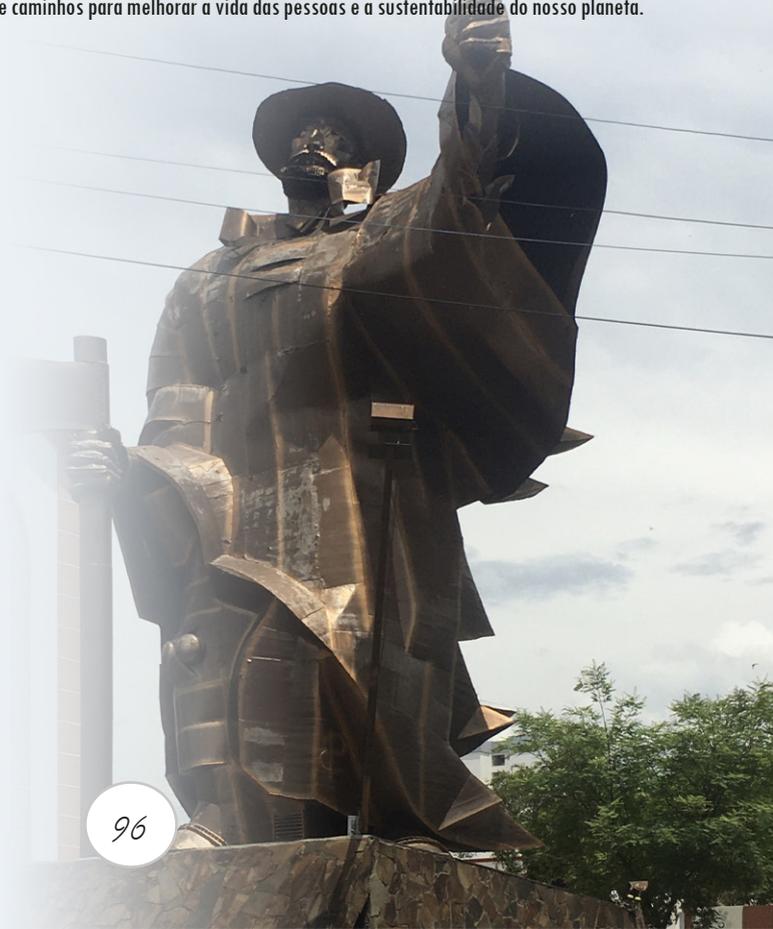
Acadêmicos correspondentes Cadeira nº 2 – Eliane Hüning Corona

Escritora e empresária com atuação no mundo dos negócios há 20 anos. Formada em Gestão Pública e Gestão Imobiliária, atualmente cursando História na Universidade UNINA / SP. O primeiro livro de Eliane foi **Provocação**, bilíngue, tendo sido lançado simultaneamente em Chapecó e Buenos Aires. Eliane demonstra uma profunda preocupação com o meio ambiente e a sustentabilidade do nosso planeta. Há quase cinco anos é sócia fundadora da TriEco Tijolos Ecológicos. Também é integrante da gestão da Rádio Centenário 105,1 Mhz, em Chapecó, SC. Sua maior motivação é deixar um legado, com conceitos para o futuro, com soluções de problemas e caminhos para melhorar a vida das pessoas e a sustentabilidade do nosso planeta.

O SENTIDO DA VIDA

Caminham desnudas
duas almas.
Não tem direção
o sentido da vida?
A busca externa
Joga.
Sem coragem
se tranca em seus ais.
Vendo amor fragilizado...
nada faz.
Condena, julga ou sofre?
Entende!
É amor
e nada mais.

*Monumento O Desbravador
Chapecó, SC*



CONTESTAÇÃO

Não abandono agora
a vestimenta,
rasgo, sim, a ilusão.
Como saber da dor alheia
ou conhecer o seu coração?
O silêncio conta
verdades sem contestação.
Nadar juntos exige forças
nos mares da paixão

BUSCA

Alma ressecada!
De outrora vêm lembranças.
Forças nascem em desconcerto,
como se fora mergulhar
no mar do não saber,
das ilusões vencidas,
do gosto pela vida.

Ansiosa busca
não teme naufrágios,
Sente o vento impiedoso
Trazendo paz.



Acadêmicos correspondentes Cadeira nº 3 – Mabel Coronel Cuenca

Nació en Hernandarias, el 24 de mayo de 1979, hija de doña Margarita Cuenca Ferreira. También conocida por su pseudónimo “La Eterna Aprendiz”, paraguaya, escritora, poeta, editora y profesora universitaria especializada en investigación científica. Embajadora Universal de la Paz, del Círculo de Embajadores de la Paz con sede en Francia y Suiza; Embajadora cultural de AIPEH. Embajadora Universal de la Cultura (título honorífico avalado por la UNESCO); Dra. Honoris Causa en Humanidades, (IJRCEC en Mantena, Minas Gerais, Brasil); Dra. Honoris Causa en Literatura (Academia Latinoamericana de Literatura Moderna y por la Sociedad Académica de Historiadores Iberoamericanos); Fundadora y primera Presidente de la Sociedad de Escritores de Paraguay — Filial Alto Paraná; Presidente fundadora de la Academia Paraguaya de Literatura Moderna (parte de la Academia Latinoamericana de Literatura Moderna); Presidente Nacional de la Unión Mundial de Escritores UHE - Paraguay; Representante Oficial de Escritores del Mercosur - Paraguay. Académica Correspondiente de la Academia Internacional de Artes y Letras Sur-Lourenciana - RS- Brasil, silla número 3, patrono Emiliano R. Fernández. Coordinadora Nacional para Paraguay de la Academia Mundial de Literatura, Historia, Arte, y Cultura. Conferencista Internacional Certificada en las áreas de Literatura, Educación e Investigación Científica. Socia de la Unión de Escritores y Artistas de Tarija. Conocida por su obra literaria “El arte en favor de la Vida” a través de la Antología Poética Internacional “Mujeres y sus plumas” que fue donada a la Fundación Apostar por la Vida, de Paraguay, reúne a las mujeres poetas del mundo, en pro de la lucha contra el cáncer de mama. Cuando era niña trabajaba vendiendo chipas, verduras, huevos, etc. para ayudar en el mantenimiento de la casa, desde que su padre las abandonara cuando ella tenía solo tres años de edad. A pesar de la pobreza, logró estudiar y siempre se destacó como la mejor alumna y mejor egresada del nivel universitario. Fue galardonada como “Joven Paraguaya 2004”, por el Viceministerio de la Juventud, fue finalista del Premio “Jóvenes Sobresalientes del Paraguay 2014”; ganó el Premio TOYP 2017. El año 2001, fundó la Escuela Básica No. 5944 “Ramón Jesús González Navero”. Hubo un periodo en el que trabajó por la educación ad honorem. Tiene más de 20 obras publicadas entre libros individuales y colectivos; entre sus obras se destaca su novela autobiográfica “Las aventuras de Vera y Yo”; “Mujeres con pantalones”; “KuñaKuimba’e” y la Antología Poética Internacional “Mujeres y sus Plumas” (Tres tomos).

LA ROSA

Cuando llegue mi ocaso seré nebulosa,
cargada de versos sublimes titilantes,
y serán mis instantes las que fabulosas
historias harán renacer, quizá inquietantes
enigmas, las que solo serán reveladas
a quien tenga el velo suelto por un instante.

Cuando llegue mi invierno he de florecer,
de mis perennes versos brotarán capullos,
habrán de color blanco, un eterno querer;
-inocencia de niña grande, una mujer-
la rosa pedirá clemencia, una indulgencia
por aquellos que no pudo salvar y amar.

Serán mis versos de color púrpura un eco
de mis cicatrices, haciéndolas imborrables,
recordando las noches de eterno plenilunio
viviendo solitariamente mi infortunio.

Al divagar por mi camino lleva siempre
una luciérnaga, acaso te haga falta aceite
en tu vieja lámpara, lleva también ungüento,
para tus pies descalzos que sufrirán heridas,
encontrarás piedras afiladas, incluso fieras.

Al final del camino te esperará una rosa,
aquella que no se marchita, regada con versos,
la planté en terreno árido mientras soñabas.
Nacieron fuertes sus hojas con el crepúsculo.

Costaneira de Hernandarias - Paraguay



BUSCANDO LA PAZ

Me han puesto cadenas, mientras soñaba
un prado verde, lleno de ganado
con gente lista para la cosecha;
niños hambrientos y gente indigente,
eran solo fantasmas de mi mente.

Desperté, los rayos del Sol en mí
saludaban, recuerdos que llegaban
de otros amaneceres, los tobillos
sin grillos, transitando libremente
por calles donde el canto de los niños
era la música de la estación.

Me han puesto una mordaza, no contentos
de haberme extirpado en seco la lengua,
me han prohibido hablar a los señores,
aquellos grandes feudales con perros,
verdaderas fieras, hambrientas, sueltas;
mientras ovejas mueren en silencio.

Arrojaron lo que había quedado
de mi carne cuasi pútrida, pero
aún viva, al oscuro calabozo.

Entre el último amanecer, mi ser
espiraba en el aire la palabra
prohibida, por la que ha perecido,
perdida la libertad, encontrándola
al final, la tan añorada paz.

*Plaza central de Hernandarias
y Parroquia Ntra. Sra. de la
Asunción, Paraguay*

AUNQUE LA SOMBRA ME ACECHE

Lentamente avanza el pesado carruaje,
va repleto de vivencias y de versos
finamente trazados con pluma de oro,
desenredando enmarañados tormentos.

Camino por amaneceres lejanos,
sintiendo quemar mi tersa y joven piel,
el Sol de medio día en pleno verano
y la aguja del reloj anclada en el tiempo.

Siento el cansancio del obraje en el hombro,
de los inviernos largos, de las ausencias,
Recuerdo primaveras, tintero lleno.
Hilvanando versos, pues estoy despierta,
voy dando guerra, aunque la sombra me aceche.

*Municipalidad de Hernandarias
Paraguay*





Acadêmicos correspondentes Cadeira nº 4 – Ernesto Galiotto

Empresário, ambientalista, fotógrafo e escritor, 73 anos. Natural de Flores da Cunha, RS. Em 1971, mudou-se para Cabo Frio, RJ. Bisneto de imigrantes italianos agricultores, se criou na roça, junto a natureza, e aprendeu a conviver com os animais silvestres, a respeitar e a defender a natureza muito antes de conhecer a palavra “Ecologia”. Em 1987, patrocinou o **I Concerto de Abertura de Verão**, com a Orquestra Sinfônica Brasileira, regida pelo Maestro Isaac Karabtschewsky, em Cabo Frio, e não parou mais.

Dentre suas conquistas está a preservação do remanescente da Mata Atlântica, na região dos Lagos, e mais de 150 projetos, mais de 40 concertos clássicos, 4 shows de MPB, 2 peças teatrais, palestras em escolas sobre educação ambiental, lançamento do CD **Natal Internacional** no Copacabana Palace (1996) e na Igreja Matriz de Cabo Frio, Concerto de Abertura de Verão, Restauração do Convento e Igreja de Nossa Senhora dos Anjos em Cabo Frio, RJ; Carruagens do século XVII, da Casa de Casemiro de Abreu em Barra de São João, RJ; Igreja de Sant’Anna, em Armação de Búzios, RJ; 4 painéis Evangelistas em tela e o teto da nave principal da Igreja de Nossa Senhora de Assunção em Cabo Frio, RJ.

No Parque da Preguiça (criado em 1988, em Tamoio, Cabo Frio, RJ) criou o ECAEV – Espaço Cultural e Ambiental Érico Veríssimo, que apresenta palestras e comemorações de datas especiais com projeção de vídeos sobre as questões ambientais da região, destinada principalmente às escolas. Lá, mantém um acervo de mais de 80.000 fotos aéreas e, em junho de 2008, lançou o livro **Natureza Intacta & Agredida** – 30 anos de luta ambiental.

Em 2013, inaugurou o Terraço Cultural e Fotográfico Nôris Carmen M. Galiotto apresentando o concerto com o violoncelista David Chew e convidados. E, também, reformou o CAJEF (Centro Social, Cultural e Ambiental da Cidadania do Jacaré) que atende a população carente.

Em 2014, fez o inventário do Rio São Francisco com o filme e fotos aéreas: **Mico Leão Voador em Ação no Velho Chico** e outros 32 episódios menores.

Em 2016, lançou o filme **O Vale das Lágrimas Vermelhas**, expondo a tragédia ocorrida em Mariana, MG, que devastou o Rio Doce.

Novos projetos estão em andamento.



VELHO CHICO

Em 2014, fizemos todo o levantamento por terra, ar e rio. Iniciamos pela foz, que fica na divisa de Recife e Alagoas, e fomos percorrendo toda sua extensão até à sua nascente, na Serra da Canastra, em Minas Gerais, dando origem ao filme: Mico Leão Voador em Ação no velho Chico.

Em 2015, voltamos fazendo por terra, da nascente à foz, com palestras em várias escolas ribeirinhas, levando ao conhecimento dos alunos, todo o nosso trabalho de conscientização.

Lançamos o filme em Bom Jesus da Lapa/BA para uma multidão de mais de cinco mil pessoas.

Retornaremos em 2021 para mais um trabalho de atualização do nosso querido Velho Chico.

AMAZÔNIA

Em 2010, saímos de Cabo Frio/RJ, para sobrevoar o pantanal.

Em uma plena sexta-feira, descemos em Pedro Gomes e fomos sobrevoar o Rio Piquiri que divide os dois estados Mato Grosso e Mato grosso do Sul.

Além de sua fauna exuberante, flagrei uma grande queimada.

O pessoal alegou que foi um raio que provocou o incêndio (raio, sem chuva e nuvem carregada)...

Ou será que foi o raio do descaso e da gula financeira?



RIO DOCE

Em 05 de novembro de 2015, saímos de Penedo/AL e fomos para na foz do rio Doce, em Regência/ES para registrar umas das grandes tragédias contra a natureza em nosso país.

A barragem do Fundão, em Bento Rodrigues (Mariana/MG), rompeu deixando um rastro de mortes e destruição em toda a extensão do rio.

Quando sobrevoava eu batizei o documentário de O Vale das Lágrimas Vermelhas.

Mais uma vez, fizemos esse projeto sem recursos de terceiros para mostrar a realidade dos fatos sem interferência. Desde o local da tragédia até à foz ouvimos moradores e pescadores que sobrevivem à espera de um milagre.



PANTANAL

Em 2010, saímos de Cabo Frio/RJ, para sobrevoar o pantanal.

Em uma plena sexta-feira, descemos em Pedro Gomes e fomos sobrevoar o Rio Piquiri que divide os dois estados Mato Grosso e Mato grosso do Sul.

Além de sua fauna exuberante, flagrei uma grande queimada.

O pessoal alegou que foi um raio que provocou o incêndio (raio, sem chuva e nuvem carregada)...

Ou será que foi o raio do descaso e da gula financeira?

O video está no meu canal do youtube.

Ecos da Lagoa

Essa é uma luta que já dura muitos anos. O desmatamento e povoamento desenfreado numa área de proteção ambiental.

O descaso do poder público é nítido através de inúmeras imagens e ações judiciais.

Na esperança de tentar amenizar a situação, criei o ECAEV, Espaço Cultural e Ambiental Erico Verissimo, para conscientizar a população local através de palestras, mostras de filmes, concertos clássicos, sobre como preservar e tratar a fauna e flora locais. Mais de 42 mil alunos já passaram pelo local e foram levados ao interior do Parque para conhecer os animais silvestres, como mico leão, bicho preguiça e as aves.

Mesmo com toda essa iniciativa o que nos deixa triste é ver as invasões em áreas protegidas, as queimadas e o descaso até os dias atuais (as imagens, por si falam). Eu vejo a agressão diária.

Consegui paralisar 23 mineradoras que extraíam areia deixando grandes valas. Eu deixei de ganhar mais de 80 milhões de reais em areia para salvar as raízes das árvores.

Para conhecer essa história melhor, acesse www.egaliotto.com.br e faça o download do meu livro Natureza Intacta e Agredida e assista os videos no meu canal do youtube, Ernesto Galiotto.



